



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
Centro de Letras, Comunicação e Artes  
Mestrado Profissional em Letras em Rede



---

**ALINE REGINA LEMES DE SENE**

**CADERNOS PEDAGÓGICOS  
SEQUÊNCIA DIDÁTICA:  
CONTO MARAVILHOSO**

Cornélio Procópio

2019

ALINE REGINA LEMES DE SENE

**CADERNOS PEDAGÓGICOS  
SEQUÊNCIA DIDÁTICA:  
CONTO MARAVILHOSO**

Cadernos Pedagógicos apresentados ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito para obtenção do título de mestre.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilúcia dos Santos Domingos Striquer.

Cornélio Procópio  
2019

*Sequência Didática Conto  
Maravilhoso*

**Caderno do  
Professor**

# Caro professor,

este material pedagógico é resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional – PROFLETRAS – desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. E, tem o objetivo de conduzir a ação docente em prol do desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do 6º ano do ensino fundamental para a produção escrita de um conto maravilhoso. O material foi produzido a partir da base teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo que sugere como forma de organização da ação pedagógica as sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004). Portanto, o que propomos é uma sequência didática conduzida pelo gênero textual conto maravilhoso, de Ricardo Azevedo. Na produção do material buscamos contemplar o desenvolvimento, pelo aluno, de três níveis de capacidades de linguagem: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004), para que, dessa forma, pudéssemos proporcionar uma visão ampla do gênero e suscitar o desenvolvimento de capacidades de linguagem inerentes a ele. Devido à especificidade do gênero, que se insere na esfera literária, adotamos em conjunto com a base teórico-metodológica supracitada, a proposta da Escrita Criativa (MANCELOS, 2007; LEITÃO, 2008; RODRIGUES, 2015) que sugere técnicas e recursos que contribuem para a criação de textos literários.



Para o aprofundamento teórico sugerimos consulta à dissertação, disponível no site: [uenp.edu.br/profletras](http://uenp.edu.br/profletras)

*Esperamos que o material colabore com sua prática docente e ressaltamos sua autonomia para adequá-lo de acordo com as necessidades de seus alunos. O material pode (e deve!) ser adaptado de acordo com a realidade diagnosticada em cada turma.*

*Bom trabalho!*



Professor, antes de iniciar a didatização do gênero textual é indispensável que você o conheça. Por isso, apresentamos a seguir uma definição obtida por meio de consultas aos especialistas do gênero conto maravilhoso, bem como o resultado da análise de um *corpus* que evidenciou as características contextuais, linguísticas e linguístico-discursivas que caracterizam o gênero.



## Conto maravilhoso: que gênero é esse?

Considerando as definições aventadas pelos diferentes teóricos acerca do conto maravilhoso, apresentamos uma síntese que evidencia a concepção assumida por nós a partir das especificidades do gênero em trabalho. Nesse sentido, o conto maravilhoso:

- Narra histórias de encantamento;
- Retrata o conflito genérico entre o bem e o mal (COELHO, 2003);
- Apresenta transformações ocasionadas por algum tipo de magia (PROPP, 2006);
- Ocorre geralmente em um espaço indefinido, regido por leis sobrenaturais (COELHO, 2003);
- Remete a um passado longínquo (COELHO, 2003);
- Tem como personagens seres maravilhosos (COELHO, 1987);
- Apresenta uma problemática relacionada às relações sociais (COELHO, 2003);
- Suscita o caráter humanizador da literatura (CANDIDO, 2011).

Quando nos reportamos à engenharia didática proposta pelo ISD percebemos a necessidade de modelização do gênero, a fim de destacar características constitutivas para posterior abordagem didática, processo que se dá por meio da seleção e análise de um *corpus*, com o objetivo de evidenciar os elementos estáveis. Ao selecionarmos um gênero literário deparamo-nos com a especificidade decorrente de uma maior autonomia do autor para imprimir seu estilo, o que resulta em uma variedade de textos que se distinguem pelo estilo do autor. Dessa forma, por se tratar de uma proposta de

intervenção didática voltada para o 6º ano do Ensino Fundamental, etapa em que acreditamos ser complexo o entendimento do estilo autoral, houve a necessidade de estabilizar o gênero a partir do estilo de um autor para que ele pudesse se tornar objeto no processo de transposição didática. Sendo assim, optamos por compor nosso *corpus* a partir de uma coletânea de contos do autor Ricardo Azevedo, escritor renomado e recomendado pela crítica especializada.

A partir disso, selecionamos um *corpus* composto por dez contos que formam a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo (2007): “Moço bonito imundo” (1); “A mulher dourada e o menino careca” (2); “O príncipe encantado no reino da escuridão” (3); “Coco Verde e Melancia” (4); “A mulher do viajante” (5); “Os onze cisnes da princesa” (6); “O filho do ferreiro e a moça invisível” (7); “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza” (8); “As três noites do papagaio” (9); “O filho mudo do fazendeiro” (10).

A escolha por esses contos para formar nossa coletânea de exemplares do gênero é porque, primeiro, a referida obra faz parte do acervo literário das escolas da educação básica recomendado pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), tendo passado, portanto, pelo crivo de especialistas que a avaliaram quanto à qualidade do texto, adequação temática para a série em questão, entre outros aspectos. Além disso, em dois anos consecutivo, 2003 e 2004, Ricardo Azevedo recebeu o Prêmio Jabuti e Menção Honrosa pela obra na Câmara Brasileira do Livro, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Considerando, então, a relevância da obra, e de seu autor, ratificamos a utilização dos contos como material de análise para a composição de um modelo didático do gênero conto maravilhoso e para compor o caderno pedagógico.

Os quadros expostos a seguir apresentam uma síntese dos elementos que caracterizam o gênero conto maravilhoso, obtidos por meio da análise do *corpus* selecionado. Ressaltamos que as características foram levantadas a partir da aplicação do Dispositivo didático do gênero elaborado por Barros (2012).

## Quadros síntese das características do conto maravilhoso

<b>Capacidades de ação</b>	Prática social: aprimoramento do senso estético e da expansão do repertório cultural do leitor, proporcionando a aquisição de uma bagagem de experiências que refletem na formação humana e interação social. Levando em consideração ainda o espaço privilegiado que a atividade de leitura ocupa no ambiente escolar, o gênero está envolvido também no trabalho com a prática pedagógica de formação de leitores;
----------------------------	--

	<p>Gênero escrito;          Pertence à esfera literária;          Emissor: escritor Ricardo Azevedo;          Destinatário: leitores que apreciam narrativas do universo maravilhoso, em especial o público infanto-juvenil, uma vez que a coletânea faz parte do PNBE, com recomendação para essa faixa etária.          Papel discursivo do emissor: preservar e disseminar histórias populares, promover reflexões acerca de temas sociais;          Papel discursivo do destinatário: contribuir para o processo de preservação de contos populares, além do papel humanizador ao abordar temas de relevância social que demandam reflexão por parte do sujeito leitor;          Tema dos textos: histórias universais e atemporais que abordam questões sociais e sentimentos comuns, inerentes à vida.          Suporte: livros, físicos e virtuais;          Meio de circulação: ambientes residenciais e educacionais.</p>
<b>Capacidades discursivas</b>	<p>Tipo de discurso: situa-se, predominantemente, no mundo do narrar, por meio do narrar ficcional;          Estrutura geral do texto: texto em prosa, relativamente curto se comparado a um romance, composto por título, corpo textual e ilustração;          Sequência predominante: sequência narrativa, embora apareçam também as sequências dialogais e descritivas.</p>
<b>Capacidades linguístico-discursivas</b>	<p>Retomadas textuais: são utilizadas muitas retomadas nominais, principalmente a substituição por sinônimos;          Há a predominância dos verbos de ação conjugados no pretérito perfeito;          Observamos a presença de organizadores temporais e espaciais;          A escolha lexical é condicionada ao ambiente fantasioso no qual as narrativas se desenvolvem, palavras que remetem ao mistério e ao onírico são amplamente exploradas;          A utilização dos sinais de pontuação segue os padrões da narração: ponto final, de exclamação, de interrogação, dois-pontos e travessão;          Há a presença de metáforas e outras figuras de linguagem;          As vozes presentes são: a do autor, perceptível nas quadrinhas que finalizam os contos; a do narrador que organiza o enredo e as dos personagens que aparecem, principalmente, por meio do discurso direto;          As modalizações são mais frequentes na voz no narrador que tenta persuadir o leitor por meio de modalizações apreciativas;          Como elemento paratextual, destacamos as ilustrações, no estilo da xilogravura, que dialogam com as narrativas.</p>

Ciente das características que configuram o gênero, o professor/pesquisador deve, então, averiguar quais capacidades os alunos já dispõem e suas potencialidades. No nosso caso optamos pela implementação de dois instrumentos diagnósticos: um questionário e uma produção textual. A partir da análise diagnóstica desses instrumentos elencamos os principais problemas encontrados em relação ao desenvolvimento de capacidades de linguagem pelos alunos sujeitos da intervenção.



**IMPORTANTE!!!** Para o desenvolvimento de um projeto de escrita do gênero o professor deve levar em consideração as reais necessidades de seus alunos, informação que pode ser obtida por meio de um diagnóstico. Apresentamos a seguir os problemas evidenciados pelo diagnóstico realizado com a turma.

---

## ***Problemas apresentados na apropriação do gênero***

---



<b>Capacidade de ação</b>	Conteúdo temático; Função social do gênero; Ambiente de circulação; Suporte; Emissor; Destinatário.
<b>Capacidade discursiva</b>	Plano textual global (título, paragrafação, discurso direto/indireto, ilustração); Sequência narrativa (situação inicial, complicação, ações, resolução, situação final); Elementos da narrativa (enredo, personagens, tempo, espaço e narrador).
<b>Capacidade linguístico-discursiva</b>	Tempo verbal; Retomadas nominais; Sinais de pontuação.

Fonte: a pesquisadora

---

*Lembramos que é a partir das dificuldades demonstradas pelos alunos que a sequência didática é elaborada. Portanto, sugerimos que fique atento aos demais problemas que possam surgir com a sua turma e, dessa forma, abordá-los para a adequada apropriação do gênero.*

---

## Sinopse da sequência didática do conto maravilhoso

SINOPSE – SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO CONTO MARAVILHOSO		
OFICINAS	OBJETIVOS	ATIVIDADES
01- Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Despertar o interesse pelas temáticas abordadas pelo gênero;</li> <li>• Propor reflexão sobre as relações humanas e os sentimentos;</li> <li>• Iniciar o contato com o gênero e reconhecê-lo como meio de abordar os problemas sociais.</li> </ul>	1. Roda de conversa: dinâmica “Caixa de Sentimentos” (adaptação de técnicas da EC) <b>(Atividade A)</b> 1. Leitura do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo e identificação da temática; 3. Produção de um mural de sala com os possíveis temas a serem abordados nos contos maravilhosos.
02- Reconhecimento do projeto de classe	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor a confecção de uma coletânea de contos maravilhosos, produzidos pelos alunos, para discussão e crítica aos problemas sociais que circundam a vida dos alunos;</li> <li>• Sensibilizar sobre o suporte de publicação dos contos;</li> <li>• Apresentar a coletânea de contos escritos por Ricardo Azevedo.</li> </ul>	1. Apresentação oral sobre a proposta de confecção de uma coletânea de contos maravilhosos ao final do projeto e registro das impressões dos alunos <b>(Atividade B)</b> ; 2. Apresentação da obra <i>No meio da noite escura tem um pé de maravilha!</i> , de Ricardo Azevedo realizando uma análise global do livro (pré-leitura) e atividade de reconhecimento do suporte <b>(Atividade C)</b> .
03- Conhecendo uma escritora de contos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar uma escritora local e seu processo de criação;</li> <li>• Identificar o contexto de criação dos contos.</li> </ul>	1. Elaboração de perguntas direcionadas à escritora; 2. Participação na palestra ministrada pela escritora; 3. Sistematização das informações coletadas durante a palestra <b>(Atividade D)</b> .
04- Conhecendo os contos de Ricardo de Azevedo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar o autor Ricardo Azevedo;</li> <li>• Identificar no conto características do contexto de produção.</li> </ul>	1. Apresentação do autor por meio do vídeo “Ricardo Azevedo e suas obras” <b>(Atividade E)</b> ; 2. Contação da história “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza”, de Ricardo Azevedo, utilizando a técnica da caixa cenário; 4. Identificação do contexto de produção (emissor e leitor do conto) e da temática abordada no conto <b>(Atividade F)</b> .
05- Apresentação das características discursivas do gênero (parte I)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar os elementos essenciais da narrativa: tempo, espaço, personagem, enredo e narrador.</li> </ul>	1. Leitura compartilhada do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo; 2. Verificação da leitura (oralmente); 3. Desenvolvimento de atividades que abordam os elementos da narrativa <b>(Atividade G)</b> ; 4. Composição do mural com esquema produzido coletivamente.

06-	Apresentação das características discursivas do gênero (parte II)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentar os momentos da narrativa, fases constituintes da planificação textual do conto maravilhoso e seu funcionamento discursivo.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura compartilhada do conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo;</li> <li>2. Atividade de identificação dos momentos da narrativa (<b>Atividade H</b>);</li> <li>3. Composição do mural com esquema produzido coletivamente;</li> <li>4. Proposição da atividade “texto quebra-cabeça” (adaptação de técnicas da EC) para que os alunos ordenem a sequência narrativa: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final (<b>Atividade I</b>).</li> </ol>
07-	Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte I)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordar a função dos sinônimos na construção dos sentidos do texto;</li> <li>• Chamar atenção para a utilização do “Era uma vez...”, expressão clássica no gênero conto maravilhoso;</li> <li>• Abordar a função do tempo verbal predominante nos contos e o efeito de sentido decorrente do seu uso;</li> <li>• Conduzir à compreensão dos organizadores temporais e espaciais, a fim de estabelecer a indeterminação de tempo e espaço como especificidade do gênero.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. No conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo, identificar os sinônimos utilizados pelo autor observando a relevância dessa utilização na construção do sentido do texto (adaptação de técnicas da EC) (<b>Atividade J</b>);</li> <li>2. Atividades que abordam o tempo verbal do conto maravilhoso e a função da expressão “Era uma vez” (<b>Atividade K</b>);</li> <li>3. Atividade em grupos: dividir os alunos em grupos - cada grupo recebe um conto da coletânea de Ricardo Azevedo. Os grupos devem listar as marcas de tempo (quando?) e lugar (onde?) no texto. Socializar os termos e expressões localizados, formando um quadro/mural para posterior consultas.</li> </ol>
08-	Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (parte II)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordar a nomenclatura e a função dos sinais de pontuação na composição da narrativa e averiguar a correta utilização;;</li> <li>• Apresentar as possibilidades de dar voz aos personagens (discurso direto e indireto);</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Leitura do conto “Coco Verde e Melancia”, de Ricardo Azevedo conferindo ritmo e entonação adequados;</li> <li>2. Atividades que abordam os sinais de pontuação (<b>Atividade L</b>);</li> <li>3. Reconhecimento das vozes das personagens por meio do discurso direto e indireto (<b>Atividade L</b>).</li> </ol>
09-	Desenvolvendo o conto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliar o léxico relacionado ao universo maravilhoso;</li> <li>• Estimular a criatividade na composição dos personagens principais dos contos.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ampliação do léxico relacionado ao universo maravilhoso por meio da atividade “ABC do Era uma vez” (banco de palavras - adaptação de técnicas da EC); (<b>Atividade M</b>);</li> <li>2. Atividade de composição dos personagens a partir da caracterização e da elaboração de descrição (festa à fantasia - adaptação de técnicas da EC) (<b>Atividade N</b>);</li> </ol>

			4. Apresentação para a classe dos personagens que farão parte da história de cada dupla.
10-	Produção Inicial	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor a escrita inicial de um conto maravilhoso;</li> <li>• Averiguar o desenvolvimento das capacidades dos alunos na produção escrita do conto maravilhoso.</li> </ul>	1. Produção em duplas de um conto maravilhoso a partir de um roteiro <b>(Atividade O)</b> .
11-	Revisando texto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor a revisão do texto, por meio da autoavaliação, revisão entre pares e anotações do professor.</li> </ul>	1. Roteiro de autoavaliação <b>(Atividade P)</b> ; 2. Correção entre pares <b>(Atividade Q)</b> .
12-	Reescrevendo conto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reescrever o conto a partir das revisões realizadas.</li> </ul>	1. Tarefa simplificada de produção: produzir ou adequar a situação inicial do conto, a partir da produção inicial (revisão e reescrita) <b>(Atividade R)</b> ; 2. Tarefa simplificada de produção: continuação do texto a partir da situação inicial já escrita e revisada <b>(Atividade R)</b> ; 3. Tarefa simplificada de produção: escrever uma situação final para o conto de outra dupla <b>(Atividade R)</b> ; 4. Finalizar o conto e fazer a leitura para a classe.
13-	Ilustrando conto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer a função da ilustração no conto;</li> <li>• Apresentar técnicas de ilustração;</li> <li>• Ilustrar o conto produzido.</li> </ul>	1. Atividade de reconhecimento das ilustrações dos contos da coletânea de Ricardo Azevedo <b>(Atividade S)</b> ; 2. Oficina de ilustração com o professor de Artes; 3. Ilustração do conto utilizando a técnica escolhida.
14-	Finalizando interação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compartilhar com a comunidade escolar a coletânea de contos produzida pela turma.</li> </ul>	1. Participação no evento de lançamento da coletânea de contos.




---

## *Oficina I - Reconhecendo as relações sociais problemáticas instituídas na sociedade*

---

### **Objetivos:**

- ✓ Despertar o interesse pelas temáticas abordadas pelo gênero;
- ✓ Refletir sobre as relações humanas e os sentimentos;
- ✓ Iniciar o contato com o gênero e reconhecê-lo como meio de abordar os problemas sociais.

**Professor**, a etapa inicial da SD deve motivar os alunos para a produção do gênero. Essa motivação deve surgir de uma “necessidade” criada no ambiente escolar, portanto o aluno deve ser exposto ao problema de comunicação que suscita o gênero. O conto maravilhoso, enquanto gênero literário, aborda temas universais com o intuito de contribuir para a formação humana e relações sociais (CÂNDIDO, 2011). Pavani e Machado (2003), representantes da Escrita Criativa, reiteram a função catártica da literatura que faz com que o leitor se envolva e se reconheça no texto lido, a partir da identificação da temática. Por esse motivo, iniciamos o contato com o gênero por intermédios dos temas abordados por ele.

19

Professor, conduza a dinâmica “Caixa dos sentimentos: que sentimento é esse?”.

**Material:** caixa que contenha pedaços de papéis com nomes de sentimentos e atitudes abordados pelos contos do gênero: amor, ódio, vingança, tristeza, inveja, ganância, alegria, paixão, curiosidade, maldade, bondade, traição, curiosidade, desobediência, entre outros. O ideal é que haja um papel para cada aluno.

**Procedimento:** dispostos em círculo, explique aos alunos que dentro da caixa estão alguns dos sentimentos e atitudes mais comuns no relacionamento humano e que a tarefa deles será sortear um papel e tentar definir a palavra sorteada (poderá também fazer mímica ou dar exemplos) para que o restante dos alunos adivinhe qual é esse sentimento ou atitude escrito no papel.

➔ O objetivo é que os alunos reflitam sobre esses sentimentos e atitudes, saibam identifica-los em situações reais ou ficcionais e se interessem pela temática.

**PROFESSOR**, intervenha sempre que necessário para conduzir e enriquecer a discussão.

20

Finalizada a dinâmica, questione aos alunos se eles acham importante falar sobre esses sentimentos e quais são os textos que favorecem essa abordagem. Apresentar o conto maravilhoso como uma possibilidade de sensibilização para o tema (**Atividade A**). Em seguida, promover a leitura compartilhada do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo. Após a leitura do conto questionar os alunos sobre quais sentimentos eles observaram na história. As respostas apresentadas pelos alunos, bem como os sentimentos explorados na dinâmica deverão compor um mural intitulado: **SOBRE O QUE FALAM OS CONTOS MARAVILHOSOS**



---

## *Oficina II – Reconhecimento do projeto de classe*

---

### **Objetivos:**

- ✓ Propor a confecção de uma coletânea de contos maravilhosos para discussão e crítica aos problemas sociais que circundam a vida dos alunos;

- ✓ Sensibilizar sobre o suporte de publicação dos contos;
- ✓ Apresentar a coletânea de contos escritos por Ricardo de Azevedo.

1º Professor, sugerimos que apresente aos alunos o projeto de ensino da sequência didática para que eles saibam o que será trabalhado, por quanto tempo e com qual finalidade, situando-os nesse processo de ensino e aprendizagem. Em seguida, discuta oralmente a respeito das expectativas deles quanto à proposição da sequência didática esclarecendo as possíveis dúvidas que poderão surgir. Registrar as impressões (**Atividade B**).

2º Apresentar aos alunos a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo e entregar a eles o **Atividade C**. Conduzir o desenvolvimento das atividades de reconhecimento do suporte.

**Professor**, ressaltamos a relevância de os alunos entrarem em contato com o suporte do gênero para que possam observar o material, a construção gráfica, diagramação, ilustrações, etc. Contudo, diante da impossibilidade de obter um exemplar para cada aluno sugerimos que a obra fique disponível para a consulta em sala de aula e que seja oferecido aos alunos uma cópia da coletânea de textos (**no final do caderno do aluno**) para o desenvolvimento das atividades. Fica a seu critério, de acordo com as possibilidades, fornecer uma coletânea por aluno ou disponibilizar algumas cópias para o trabalho em grupos.



---

### *Oficina III – Conhecendo uma escritora de contos*

---

#### **Objetivos:**

- ✓ Conhecer uma escritora local e o seu processo de criação;
- ✓ Identificar o contexto de criação dos contos.

**Professor**, para esta etapa orientamos um trabalho prévio com os alunos que deverão ser estimulados a elaborarem perguntas direcionadas à palestrante. Da mesma forma, a palestrante deve ser orientada a:

- Relatar como ocorre o processo de criação das obras;
- Apresentar as suas obras;
- Ler alguns contos de sua autoria enfatizando os problemas sociais que envolvem o conteúdo temático.

1º Previamente, instrua os alunos a elaborarem perguntas direcionadas à escritora para que possam interagir durante a palestra (**Atividade D**). Instruir os alunos a realizarem anotações no decorrer da palestra identificando as ações realizadas

pela palestrante no processo de criação dos contos; o contexto de produção dos contos (em que lugar e momento a escritora produz seus contos, onde publica); os conteúdos abordados nos contos da autora.

- 2º Após a palestra, retomar as anotações realizadas pelos alunos e sistematizar as informações coletadas em forma de cartaz.



---

## Oficina IV – Conhecendo os contos de Ricardo Azevedo

---

### Objetivos:

- ✓ Conhecer o autor Ricardo Azevedo;
- ✓ Identificar no conto características do contexto de produção.

**Professor**, esta é uma etapa importante para que os alunos percebam que o texto não é apenas um conjunto de frases, mas um enunciado com propósito e que atente a um objetivo de comunicação. Para tanto é essencial que conheçam o autor e seu projeto de escrita e, então, entrem em contato com o texto para compreendê-lo a partir do seu contexto.

- 1º Iniciar apresentando aos alunos o vídeo “Escritor Ricardo Azevedo – vida e obra”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mzz25a19-UE>. Após a apreciação do vídeo abrir espaço para manifestação das opiniões dos alunos e conduzir a discussão com questionamentos (**Atividade E**).

- 2º Após a reflexão sobre as características que circundam a produção dos textos de Ricardo Azevedo, propomos a contação da história “Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza”. Sugerimos a utilização da técnica “caixa cenário” para atrair a atenção dos alunos e enriquecer o momento de leitura do texto.

### Como utilizar a Caixa Cenário

**Material:** caixa de papelão caracterizada com o cenário da história; fantoches dos personagens.

**Procedimento:** os alunos podem ser convidados a participarem da contação da história manipulando os fantoches e fazendo as falas dos personagens. O professor pode atuar como narrador, conduzindo a história.



Para mais informações e orientações sobre a técnica acesse:  
<https://www.youtube.com/watch?v=gA9PQxWncSE>  
<https://www.youtube.com/watch?v=pR4CS3tJH2I>

30 Após a leitura do texto, entregar aos alunos a **Atividade F** que tem o objetivo de verificar a compreensão do texto, de suas características contextuais e a identificação da temática abordada.



---

## Oficina V – Apresentação das características discursivas do gênero (parte I)

---

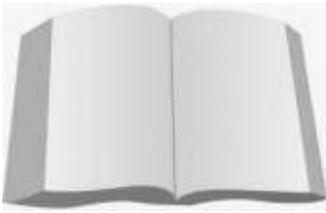
### Objetivos:

- ✓ Apresentar os elementos essenciais da narrativa: tempo, personagem, enredo, narrador e espaço.

**Professor**, nesta etapa as atividades propostas direcionam para a definição dos elementos essenciais do conto maravilhoso. É muito importante que os alunos construam essas definições a partir da análise do texto proposto, sendo assim, promova momentos de discussão e estimule a reflexão.

- 10 Leitura compartilhada do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo. Oralmente, conduzir a verificação da leitura para assegurar que os alunos tenham compreendido o texto.
- 20 Entregar para os alunos a **Atividade G** e conduzir o desenvolvimento das atividades.
- 30 Explique que ao final eles construirão um mural com as características do conto que serão definidas no decorrer das atividades.
- 40 Ao final das atividades, retomar as respostas dos alunos para a sessão “Concluimos que...”. Estimulá-los a expor suas conclusões e ponderar acerca da pertinência em relação ao gênero. Compor, coletivamente, o esquema que sintetiza as características do conto maravilhoso.
- 50 Transpor para o mural o esquema produzido coletivamente. Como sugestão apresentamos no caderno do aluno a estrutura que poderá ser reproduzida no mural.

**Professor**, a produção do mural tem o objetivo de compor a memória das aprendizagens “um gesto didático fundador no âmbito do ensino, segundo proposta de pesquisadores do Grupo de Genebra” (BARROS, 2013, p. 111). Sendo assim, ele será alimentado no decorrer das oficinas e os alunos deverão ser estimulados a recorrer a ele sempre que necessário. Por esse motivo o mural deve ser bem organizado e fixado em sala de aula em lugar visível que facilite consultas posteriores.



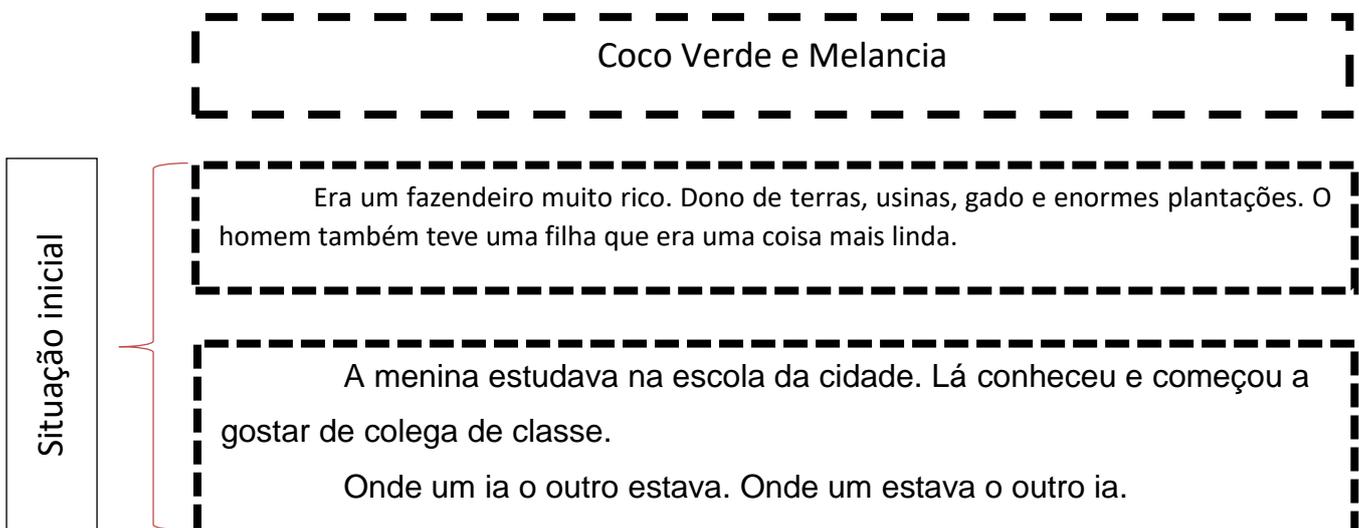
## Oficina VI – Apresentação das características discursivas do gênero (parte II)

### Objetivos:

- ✓ Apresentar os momentos da narrativa, fases constituintes da planificação textual do conto maravilhoso e seu funcionamento discursivo.

**Professor**, essa oficina permitirá aos alunos uma visão global do texto, verificando que as fases de planificação textual fazem parte de uma sequência narrativa. Optamos por uma adaptação da planificação proposta por Bronckart (2012), mais adequada à etapa de ensino e sugerimos a organização da narrativa a partir dos momentos: **situação inicial, conflito, clímax e desfecho**.

- 1º Leitura compartilhada do conto “Moço bonito imundo”.
- 2º Entregar aos alunos a **Atividade H**. Exponha a explicação apresentada no caderno e auxilie os alunos na resolução da atividade.
- 3º Dando continuidade à produção do mural (memória das aprendizagens), reproduza o esquema apresentado no Caderno do aluno e fixe-o no mural.
- 4º Divida os alunos em duplas para que realizem a atividade “Texto quebra-cabeça” (**Atividade I**). O objetivo dessa atividade é verificar a capacidade de ordenar os acontecimentos seguindo os momentos da narrativa de forma a garantir a progressão textual. Selecionamos a parte inicial do conto “Coco Verde e Melancia” que sintetiza a sequência narrativa. Apresentamos a seguir o gabarito da atividade proposta:



## Conflito

Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

## Clímax

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredão. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.

## Desfecho

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

E o tempo passou. [...]

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.



---

## Oficina VII – Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (Parte I)

---

### Objetivos:

- ✓ Abordar a função dos sinônimos na construção dos sentidos do texto;
- ✓ Compreender a função da expressão “Era uma vez...” utilizado no início dos contos;
- ✓ Reconhecer o tempo verbal predominante;
- ✓ Identificar organizadores temporais e espaciais.

**Professor**, essa oficina permitirá aos alunos analisar os efeitos de sentido provocados pelas escolhas linguísticas utilizadas no gênero. É essencial que os aspectos linguísticos sejam reconhecidos no texto e que sejam analisados a partir de sua função na composição do conto. Segundo Pavani e Machado (2003, p. 75):

A literatura constitui-se de imagens que se manifestam nos textos através de símbolos, objetos concretos que evocam múltiplos significados, e de metáforas, imagens construídas a partir de combinações que buscam exprimir o que as palavras, por si só, não conseguem. Desse modo, o texto literário ultrapassa seu sentido referencial.

Sendo assim, as reflexões propostas pelas atividades que se seguem objetivam desvelar os sentidos construídos a partir da análise e interpretação dos textos.

- 1º Retomar a leitura do conto “Moço bonito imundo” (**Atividade J**). Estimular os alunos a contarem a história a partir do que lembram da leitura.
- 2º Conduzir as atividades propostas no caderno. Abordar o conceito de sinônimo a partir de sua função no texto. Assinalar a importância de atentarmos para o contexto em que o sinônimo será inserido. Estimular a participação oral dos alunos na conclusão das atividades, assinalando a relevância dos sinônimos para evitar repetições, enriquecer o texto, ajudar a construir a personagem, estimular a imaginação.  
  
Orientar o desenvolvimento das atividades que abordam o tempo verbal do conto maravilhoso (**Atividade K**). É importante que os alunos percebam que o tempo passado é predominante por se tratar de uma narrativa de fatos ancorados em um passado longínquo, o que confere um distanciamento da realidade. Da mesma forma ressaltar a utilização da expressão “Era uma vez” como clichê dos contos maravilhosos e que auxiliam no afastamento do real.
- 3º Em seguida, conduzir as atividades que objetivam identificar os marcadores temporais e espaciais e sua função na construção da narrativa. Para a atividade em grupo, dividir a turma em 10 grupos, cada um deles deverá ficar responsável por um conto da coletânea de Ricardo Azevedo. Os marcadores assinalados pelos alunos deverão compor uma lista de possibilidades para consultas posteriores a ser fixada no mural. Sugestão:
- 4º

PARA UTILIZAR NO MEU CONTO:	
Marcadores temporais	Marcadores espaciais




---

## *Oficina VIII – Apresentação das características linguístico-discursivas do gênero (Parte II)*

---

### Objetivos:

- ✓ Abordar a nomenclatura e a função dos sinais de pontuação (ponto de interrogação, ponto de exclamação, dois-pontos, ponto final) e averiguar a correta utilização;
- ✓ Apresentar as possibilidades de dar voz aos personagens (discurso direto e discurso indireto).

**Professor**, as atividades propostas nessa oficina objetivam impulsionar a reflexão acerca da função dos sinais de pontuação e das possibilidades de dar voz às personagens. É importante que você estimule o aluno a construir seu conhecimento a partir da análise do texto para, então, oferecer a conceituação.

**1º** Sugerimos que o professor faça a leitura do texto indicado no início da atividade (**Atividade L**) conferindo ritmo e entonação adequados, como forma de oferecer um modelo de leitura importante para a compreensão da utilização dos sinais de pontuação.

**2º** Conduzir as atividades (**Atividade L**) que abordam os sinais de pontuação atentando para a expressividade inerente a cada um deles. Enfatizamos os sinais recorrentes no gênero conto maravilhoso: ponto final, dois-pontos, travessão, ponto de interrogação e ponto de exclamação. As atividades 2 e 3 tem por objetivo incentivar a análise da utilização dos sinais de pontuação e conclusão a respeito da função de cada um deles. Sugerimos que a atividade 3 seja inicialmente realizada em duplas e, depois, socializada para uma produção coletiva que deverá ser exposta no mural.

**3º** Orientar a realização das atividades que desenvolvem a percepção sobre as possibilidades de representar a fala das personagens. Em relação as atividades 2 e 3, uma das dificuldades comumente apresentadas é a alteração do tempo verbal e o uso de conjunções. Por isso, sugerimos que, oralmente, o professor realize as alterações sugeridas nas atividades, tendo outras frases como exemplo, e, assim, ofereça um modelo aos alunos. A atividade 4 tem o objetivo de ordenar e organizar o conhecimento, além de se constituir em instrumento de consulta para produções posteriores. Sugerimos que o esquema seja reproduzido no mural.



---

## Oficina IX – Desenvolvendo o conto

---

### Objetivos:

- ✓ Ampliar o léxico relacionado ao universo maravilhoso;
- ✓ Estimular a criatividade na composição das personagens do conto.

**Professor**, esta etapa visa auxiliar o aluno na composição do texto e estimulá-lo a partir de técnicas da Escrita Criativa. A primeira atividade (Atividade M) parte do pressuposto de que o texto literário distingue-se do discurso cotidiano, dentre outros aspectos, pelo tratamento dado à linguagem (PAVANI; MACHADO, 2003). As autoras assinalam que “a linguagem literária ultrapassa o sentido convencional das palavras” (PAVANI; MACHADO, 2003, p. 30) e, por esse motivo, a atividade baseada em técnicas de EC atenta para os efeitos de sentido e possibilidades de interpretação do texto provocados pela escolha lexical.

1º

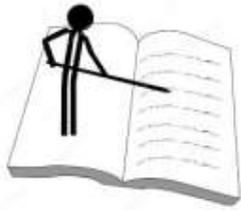
Explique aos alunos que os contos maravilhosos, por estarem inseridos no mundo da imaginação, utilizam palavras peculiares que fazem a diferença na construção do sentido do texto. Como exemplo cite o efeito de sentido provocado pela substituição de CASA por CASEBRE, ou a simbologia que a palavra ESPELHO carrega. Então, entregue a eles a **Atividade M**, que tem por objetivo ampliar o léxico em relação ao universo maravilhoso e compor um banco de palavras para consulta a ser fixado no mural.

**Professor**, para tornar a atividade mais dinâmica você pode sugerir que os alunos participem de um jogo onde, agrupados em duplas ou trios, preencham a lista de palavras. Quando todos os grupos tiverem terminados medeie o processo de conferência, pontuando com 5 pontos palavras que se repetiram em mais grupos e com 10 pontos palavras exclusivas do grupo. Aquelas palavras que não têm relevância para a construção do maravilhoso não pontuam. Ao final somar a pontuação e premiar a equipe vencedora.

2º

O objetivo desta atividade é estimular a criatividade dos alunos na composição das personagens principais (protagonista/antagonista) do conto que irão escrever. Para tanto é necessário previamente retomar a função dessas personagens no desenvolvimento do enredo do conto. Entregue aos alunos a **Atividade N** e conduza a discussão proposta. Em seguida, explique que farão uma apresentação para a turma, quando deverão vir caracterizados de acordo com as personagens que a dupla criou. Ainda na Atividade N há um espaço para que descrevam as características dessas personagens. No dia estipulado para a apresentação os alunos deverão apresentar-se como as personagens que criaram e descreverem-nas para a turma que poderá sugerir adaptações.

Pavani e Machado (2003, p. 47) afirmam que “no texto literário, a personagem revela-se o eixo em torno do qual gira a ação [...]”; por esse motivo, de acordo com a EC, trabalhar em sua caracterização direciona a construção da narrativa.



---

## Oficina X – Produção inicial do conto

---

### Objetivos:

- ✓ Produzir um conto maravilhoso;
- ✓ Averiguar o desenvolvimento das capacidades dos alunos na produção escrita do conto maravilhoso.

**Professor**, esta é uma etapa de grande importância na sequência didática, pois possibilita verificar, por meio da produção escrita, o quanto os alunos já desenvolveram suas capacidades em relação ao gênero conto maravilhoso, tendo como parâmetro a análise diagnóstica dos instrumentos implementados no início dos trabalhos. Vale ressaltar que, no nosso caso, uma produção inicial já havia sido solicitada como instrumento diagnóstico e que os problemas evidenciados foram abordados nas oficinas anteriores. Embora as atividades desta sequência didática já estejam, previamente, elaboradas, você pode analisar o que deve ser trabalhado, pois o diagnóstico obtido a partir da produção escrita serve de orientação no desenvolvimento das demais oficinas. Portanto, cabe a você, professor, selecionar o que deve ser aprofundado ou excluído.

10 Entregue aos alunos a **Atividade O** que contém um roteiro que auxilia no planejamento do texto a ser escrito pelos alunos. Mediante os conhecimentos adquiridos a respeito do gênero conto maravilhoso, os alunos devem construir um texto que aborde as temáticas referentes aos sentimentos humanos e relacionamentos sociais. Sugerimos que os alunos sejam orientados quanto à delimitação do contexto de produção do conto maravilhoso, refletindo sobre: Para quem o texto será escrito? Qual o papel que o aluno deve representar no texto produzido? Qual o objetivo dessa produção? Onde este texto será publicado? É interessante dizer aos alunos que os textos produzidos poderão fazer parte da coletânea de contos a ser publicada no final da sequência didática.

- Sugerimos que a produção seja feita em duplas, em um trabalho colaborativo, como forma de compartilhar os conhecimentos apreendidos até então.
- Oriente os alunos a acessarem o mural que serve como suporte às memórias das aprendizagens.

**Professor**, o roteiro que auxilia o aluno no planejamento do texto baseia-se na técnica de EC denominada *story-line* (PAVANI; MACHADO, 2003), que consiste na construção de uma síntese da história que servirá como fio condutor para a escrita.



---

## Oficina XI – Revisando o texto

---

### Objetivos:

- ✓ Revisar a produção inicial do conto.

Professor, esta etapa deve proporcionar atividades de revisão que verifiquem se o texto produzido pelos alunos cumpre a sua função social, se está de acordo com as características trabalhadas nas oficinas e se respeita as convenções da escrita da língua portuguesa. Sugerimos que o processo de revisão siga as seguintes etapas: 1) autoavaliação 2) correção entre pares 3) correção do professor. Todos os apontamentos e sugestões auxiliarão na reescrita do texto.

1º

O processo de revisão do conto inicia-se com a autoavaliação. Entregue aos alunos a **Atividade P** composta por um roteiro que conduzirá a análise do texto produzido. Explique a eles que, no momento de reescrita, os apontamentos realizados poderão ajudá-los a adequar o texto.

2º

Em seguida, cada dupla revisará o texto de uma outra dupla utilizando um roteiro de análise (**Atividade Q**). A revisão entre pares propicia a interação que contribui para que os alunos participem ativamente não só da sua aprendizagem, mas também da dos colegas. Distribua um texto para cada dupla e oriente-os na revisão. Finalizado o processo, recolha as atividades e encaminhe-as aos autores dos contos para que possam conferir os apontamentos e sugestões feitos pelos colegas.

3º

Em relação à correção textual do professor, sugerimos que o professor a faça de forma textual-interativa (RUIZ, 2013), por meio de comentários ou notas esclarecedoras que promovam o diálogo entre professor e aluno. O professor pode seguir o mesmo roteiro de revisão sugerido aos alunos, fazendo anotações nos textos produzidos.

Professor, neste momento é importante que você reavalie a pertinência das oficinas seguintes de acordo com o desempenho dos seus alunos na produção inicial. Talvez haja a necessidade de adequá-las, excluí-las ou incluir novas atividades que atendam à demanda dos seus alunos.



---

## Oficina XII – Reescrevendo o conto

---

### Objetivo:

- ✓ Reescrever o conto.

**Professor**, esta oficina inicia o processo de reescrita do conto. Salientamos a necessidade de reflexão a partir das características do gênero e das revisões realizadas que irão apontar a necessidade de reescrita total ou parcial do texto. Ainda pautados na Escrita Criativa sugerimos que o conto seja reescrito por partes, a fim de proporcionar maior destaque aos objetivos de cada etapa. A esse respeito justificamos:

A prática da escrita criativa deve, portanto, estar ancorada numa metodologia que privilegie um tratamento global do texto escrito, mas que permita aos estudantes, em simultâneo, a adopção de um percurso faseado e hierarquizado na sua actividade continuada de produção de textos. O que está em causa é sobretudo a possibilidade de cada redactor se ver confrontado, passo a passo, com a necessidade de tomar decisões relativamente aos desafios que lhe são lançados. (LEITÃO, 2008, p. 31).

1º Retome com os alunos a planificação do conto a partir das memórias de aprendizagem dispostas no mural. Saliente o propósito de cada momento da narrativa (situação inicial, conflito, clímax e desfecho) na construção do enredo. Em seguida entregue aos alunos a **Atividade R** que conduz as tarefas simplificadas de produção.

2º Concluídas as tarefas simplificadas de produção os alunos terão o conto finalizado. É importante que eles façam a leitura em voz alta para a turma como uma forma de revisão final do texto.



---

## Oficina XIII – Ilustrando o conto

---

### Objetivos:

- ✓ Reconhecer a função da ilustração no conto;
- ✓ Ilustrar o conto produzido.

**Professor**, para esta oficina sugerimos um trabalho multidisciplinar em parceria com a disciplina de Arte. Sendo assim, o professor da disciplina deve ser orientado a trabalhar com os alunos possíveis técnicas de ilustração e auxiliá-los na ilustração do conto que produziram.

1º

De início é necessário que os alunos percebam a função das ilustrações na composição da obra. Para tanto entregue a eles a **Atividade R** e conduza o desenvolvimento das atividades propostas. O intuito é que os alunos percebam que a ilustração pode servir tanto para reproduzir o texto verbal, quanto para complementá-lo. Além disso, um texto ilustrado também serve para chamar atenção do leitor.

2º

Em um segundo momento os alunos participarão de uma aula com o professor de Artes que irá apresentar diferentes técnicas de ilustração: xilogravura, colagem, fotografia, aquarela, desenho. Eles deverão escolher uma dessas técnicas e produzir uma ilustração para o conto que escreveram.



---

### *Oficina XIV – Finalizando a interação*

---

#### **Objetivo:**

- ✓ Compartilhar com a comunidade escolar a coletânea de contos produzida pela turma.

**Professor**, este é o momento de socializar as produções dos alunos. É a etapa final da sequência didática. Um momento muito importante, pois o texto produzido por seus alunos passa a cumprir sua função social, transpondo os limites da sala de aula e alcançando toda a comunidade escolar. Sugerimos que seja organizado um evento de lançamento do livro, quando os alunos, agora autores, poderão autografar a coletânea produzida pela turma.

1º

Os contos produzidos deverão ser digitalizados e compilados em formato de coletânea. Organize e conduza o momento de interação.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. 2ed. Ática, São Paulo, 2007.
- BARROS, E. M. D. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 370 fls. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- BARROS, E. M. D. Memória das aprendizagens: um gesto docente integrador da sequência didática. **Trabalhos em linguística aplicada**. 2013, vol.52, n.1, p.107-126.
- BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2012.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- COELHO, Nely Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.
- DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHENEUWLY, B. Sequência Didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.
- DOLZ, J; SCHENEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência francófona. In: SCHENEUWLY, B. e DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 41-70.
- LEITÃO, Nuno. As palavras também saem das mãos. **Revista Noesis online**, Lisboa, n. 72, p. 30-33, jan./mar. 2008. Disponível em: [www.oei.es/historico/pdfs/noesis72.pdf](http://www.oei.es/historico/pdfs/noesis72.pdf). Acesso em: 05 fev. 2018.
- MANCELOS, João de. Um Pórtico para a Escrita Criativa. **Pontes & Vírgulas: Revista Municipal de Cultura, Aveiro**, ano 2, n. 5, p. 14, 15, 2007. Disponível em: <http://manuelcarvalho.8m.com/EscritaCriativa.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2018.
- PAVANI, Cinara Ferreira; MACHADO, Maria Luiza Bonorino. **Criatividade: atividades de criação literária**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- RODRIGUES, F.. A produção de texto na perspectiva da escrita criativa. **Diálogo das Letras, América do Norte**, 4, mai. 2015. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/1358/764>. Acesso em: 05 fev. 2018.
- RUIZ, Eliane Donaio. **Como corrigir redações na escola**. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

# **Caderno do aluno**

## O CONTO SE APRESENTA

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me encerrar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma vez. Uma vez que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala das histórias que você lê.

Não fique tão surpresa assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhas amigas. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, de Saci-Perere. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim própria. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começa me apresentando: eu sou a Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antiga. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. [...]

Moacyr Scliar. In: *Era uma vez um conto*: São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002, p. 05

Quer saber mais  
sobre esse gênero?  
Vamos lá!



## ATIVIDADE A



Você irá participar de uma dinâmica chamada “Caixa dos sentimentos: que sentimento é esse?”.

**Fique atento às orientações do seu professor.**

Após a dinâmica participe da discussão com a turma:

- Quais sentimentos apareceram na dinâmica? Escreva aqui:

---

---

---

- Você acha importante falarmos e refletirmos sobre esses sentimentos? Por quê? Converse sobre isso com seus colegas e professor.

- Quais textos podem propor a reflexão sobre esses e outros sentimentos? Assinale as alternativas:

( ) receita culinária      ( ) conto maravilhoso      ( ) poema

( ) notícia de jornal      ( ) manual de instrução      ( ) letra de música



No decorrer das atividades vamos ampliar esse conceito.

Os contos maravilhosos são histórias fabulosas, com personagens, ambientes e acontecimentos mágicos. Abordam em suas temáticas os sentimentos e as relações humanas. Costumam ter a intenção de ensinar algo sobre o comportamento humano.



**Leitura compartilhada do conto “A mulher dourada e o menino careca”, de Ricardo Azevedo ( texto 2 - coletânea de textos disponível no final do caderno)**

Após a leitura responda:

- Quais sentimentos e relacionamentos vocês identificaram no conto?

---

---

- A partir da dinâmica realizada, da discussão com a turma e da leitura do conto, você pode responder: **SOBRE O QUE FALAM OS CONTOS MARAVILHOSOS ?**

Ajude o professor a compor uma lista de possíveis temáticas abordadas nos contos maravilhosos e produzam um mural.

## ATIVIDADE B



### Vamos conhecer nosso projeto de escrita?

Como vimos na atividade anterior, o gênero conto maravilhoso é uma alternativa para abordamos temas que se referem aos sentimentos e às relações humanas, permitindo aos leitores um mergulho na fantasia, no mundo da imaginação. Esse mundo imaginário tem sua importância no desenvolvimento humano, ao propor histórias que nos ajudam a refletir sobre a realidade.

**Fique atento ao projeto de escrita que seu professor irá propor. Contribua com sugestões. Em seguida, anote o que você entendeu:**

➤ **O que vamos aprender?**

---

---

➤ **Para quem vamos produzir os contos maravilhosos?**

---

---

➤ **Como vamos aprender a produzir contos maravilhosos?**

---

---

➤ **Por quê?**

---

---

➤ **Quanto tempo?**

---

---

## ATIVIDADE C

### ➤ O suporte do conto: o livro

O conto “A mulher dourada e o menino careca” que lemos foi retirado do livro *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. Conheça um pouco desse livro.

#### Referência bibliográfica

No fim do conto, você encontra o nome do livro de que ele faz parte e algumas outras informações, trata-se da **referência bibliográfica**.

A **referência bibliográfica** tem a função de identificar um texto, isto é, informar quem é o seu autor, de que livro o texto foi retirado, quem o publicou, etc.



Quando utilizamos um texto sempre devemos mencionar os livros e outros materiais consultados. Essas informações podem ser registradas logo abaixo do texto citado. Releia a referência bibliográfica de “A mulher dourada e o menino careca”:

**AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. São Paulo: Ática, 2007.**

- Observe que as informações relacionadas nas referências seguem uma ordem. Preencha o quadro com as informações da referência:

A ordem dos dados nas referências bibliográficas é estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

1 – Sobrenome do autor	
2 – Nome do autor	
3 – Título da obra	
4 – Cidade onde se localiza a editora responsável pela publicação da obra	
5 – Nome da editora	
6 – Ano da edição	

- Agora vamos usar a imaginação! Imagine que você é o autor ou a autora de um livro e produza uma referência bibliográfica completa. Não se esqueça de seguir a ordem correta das informações.

---

---

---

## Dedicatória

Nas páginas iniciais de muitos livros, há uma dedicatória, isto é, o autor homenageia aqueles que, de alguma forma, inspiram sua obra ou contribuíram para que ela existisse. Leia a dedicatória que o autor Ricardo Azevedo escreveu em seu livro:

Para Maria, companheira de tantas viagens.

- Quem você imagina que seja a homenageada do autor? Leia o trecho de uma autobiografia do autor para descobrir:

### Autobiografia de Ricardo Azevedo

Escrevi essa autobiografia a partir de certas perguntas recorrentes feitas por leitores. Sou casado com a Maria e tenho três filhos: Maria Isabel, José Eduardo e Clara. Lá em casa morava uma simpática e peluda carregadora de pulgas de nome Diana. Infelizmente, a Diana tinha treze anos e morreu. Agora temos dois animais irracionais em casa: Platão e Flor. [...]

Fonte: [www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br)

- Após a leitura do texto, responda:
- Em sua autobiografia o autor cita duas pessoas com o nome de Maria. Para qual das duas você imagina que seja a dedicatória? Por quê?



### ATIVIDADE D

Você conhece algum escritor ou escritora de contos? Sabe como eles escrevem? Quando e onde produzem seus contos? Onde publicam? Por que escrevem? Sobre o que escrevem?

Teremos o prazer de receber uma escritora de contos para uma conversa e é importante que você se prepare para esse momento. Reúna-se com um colega e elabore perguntas direcionadas à escritora. Qual é a sua curiosidade sobre o ofício de escrever contos?

---

---

---

---

---

**Durante** a palestra fique atento à fala da escritora e anote o que achar interessante:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Após a palestra:** Vamos compartilhar as anotações que fizeram. Preste atenção à fala dos seus colegas e espere sua vez para falar. Assim todos se entendem!

Que tal produzirmos um cartaz com as informações compartilhadas?



## ATIVIDADE E

Um texto não é somente a reunião de um conjunto de frases, mas uma forma de interação social e, como tal, atende certos objetivos. Para compreendermos um texto é importante que conheçamos o **contexto** em que foi produzido.

Conjunto de circunstâncias a partir das quais se produz o texto (lugar, tempo, emissor, receptor, intencionalidade, etc.) e que permitem sua correta compreensão.

**Vamos assistir ao vídeo “Escritor Ricardo Azevedo – vida e obra”, para conhecermos o autor dos contos que estamos estudando.**

**Após o vídeo:** participe da discussão seguindo o roteiro de perguntas

- Como foi a infância do autor?
- O que na sua infância influenciou para que se tornasse um escritor?
- Vocês acham que para ser um bom escritor é necessário, antes, ser bom leitor?
- Sobre o que o autor escreve?
- O que o motivou a escolher esses temas?
- Ele escreve pensando em qual público?



**Fique atento:** Conhecer o autor e seu projeto de escrita nos ajuda a



compreender melhor o texto!

**Registre aqui o que mais chamou sua atenção em relação ao escritor Ricardo Azevedo**



<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
---

**Você agora irá ouvir uma história chamada “Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza”, de Ricardo Azevedo. Preste atenção e divirta-se!**

### **ATIVIDADE F**



O texto está disponível na coletânea no final do caderno (texto 8). Você pode precisar retomar a leitura para responder as questões.

Após a leitura do texto “Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza”, responda:

**1. O texto que você leu é:**

( ) um poema ( ) um convite ( ) um conto maravilhoso ( ) uma lenda

**2. O objetivo desse texto é:**

(A) fazer refletir (B) informar (C) passar uma lição de moral (D) convidar

**3. Marque somente as características desse texto.**

( ) Pode ter, como personagens, pessoas do povo e, às vezes, seres extraordinários (fadas, bruxas etc.).

( ) Seus personagens são animais.

( ) Fazem parte da tradição oral e ganham versões à medida que são recontados.

**4. Releia o texto e depois responda.**

a) Personagem é quem participa da história. Quais as personagens desse texto?

---

---

b) De acordo com o texto, como vivia o homem?

---

---

---

c) O que o homem sempre fazia ao acordar?

---

---

d) Como eram os nomes das mulheres que apareceram querendo ajudar o camponês trabalhador?

---

---

e) Como Riqueza disse que ajudaria o homem?

---

---

f) Ao ter dinheiro, o homem resolveu seus problemas?

---

---

g) Você acha que dinheiro resolve tudo? Por quê?

---

---

**5. Após todas essas reflexões sobre o conto, responda: Qual é temática abordada no texto?**



## ATIVIDADE G

- Leitura compartilhada do conto: “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo (texto 6 da coletânea)

---

*Você leu um conto escrito por Ricardo Azevedo. Vamos analisar como ele foi construído.*

---

Narrativa em

prosa

Um texto é escrito **em prosa** quando é organizado em frases contínuas formando parágrafos.

➡ Quantos parágrafos há na história lida? Não se esqueça de que o parágrafo também pode começar por travessão, sinal que introduz a fala de uma personagem.

### Elementos da narrativa

contar  
são  
os

- **Narrador:** aquele que conta a história.
- **Espaço:** onde a ação se passa.
- **Personagens:** aqueles que participam da história.
- **Tempo:** quando a ação se passa.
- **Enredo:** o que acontece, como as ações se desenvolvem

Para  
uma história  
necessários  
seguintes  
elementos:

Agora, vamos estudar esses elementos conforme eles vão aparecendo na história que você leu:

#### Narrador

Narrador é aquele que conta uma história. Ele pode ser:

Uma das personagens da história;

Aquele que só observa o que acontece e conta.

#### **1. Releia um trecho do conto “Os onze cisnes da princesa”, de Ricardo Azevedo:**

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

Que alternativa corresponde ao narrador do conto que você leu? O narrador:

( ) é uma das personagens                      ( ) só observa o que acontece

2. Procure em outro texto da coletânea de contos de Ricardo Azevedo um trecho que exemplifique o mesmo tipo de narrador:

---

---

---

---

3. Como ficaria escrito o trecho da questão 1 se quem narrasse a história fosse a princesa? Reescreva o trecho fazendo as adaptações necessárias.

---

---

---

---



**CONCLUÍMOS** que, nos contos maravilhosos, o narrador

.....

.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

### Espaço

Espaço é o lugar onde ocorrem as ações, os fatos. Uma das características dos contos maravilhosos é que os fatos podem ocorrer em espaços ou lugares muitas vezes indeterminados, indefinidos.

1. Identifique no conto “Os onze cisnes da princesa” (texto 6 da coletânea) palavras e/ou expressões que indiquem onde acontece a história e as escreva aqui.

---

---

---

Ao longo do conto aparecem palavras e expressões que indicam onde a narrativa se desenvolve, mas não dão uma indicação exata do lugar. Observe:

“E assim a princesa acabou indo morar  
distante”.

numa fazenda



Você consegue dizer onde, exatamente, é essa fazenda?

Dizemos que o espaço é indeterminado ou indefinido quando não há indicação precisa do lugar. Nos contos maravilhosos essa característica é utilizada para garantir a universalidade do conto, pois quanto mais generalizados forem os elementos narrativos, maior será o número de pessoas que se identificará com a história narrada.

Universalidade:  
qualidade ou caráter  
do que é universal,  
geral, total, para  
todos.



**CONCLUÍMOS** que, nos contos maravilhosos, o espaço

.....

.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

### Personagens

Personagens são elementos que dão vida à história, fazendo com que ela aconteça. Muitas vezes, tanto nas narrativas orais quanto escritas, as personagens não são nomeadas, mas sim identificadas por diferentes características como as relações de parentesco.

**1. Escreva quais são as personagens do conto “Os onze cisnes da princesa”(texto 6).**

---

---

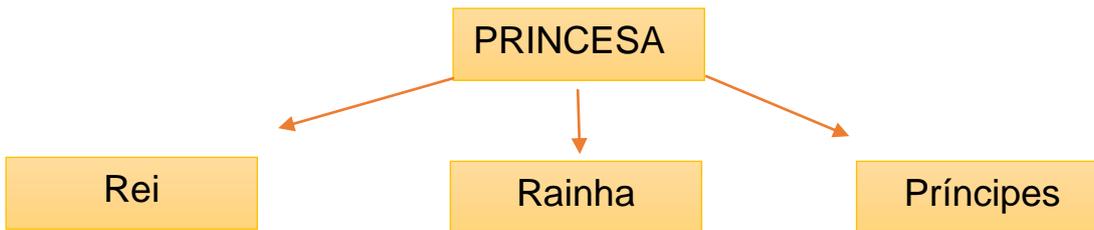
---

2. As personagens são nomeadas? Como elas são identificadas?

---

---

3. Em relação à princesa, qual é o parentesco das demais personagens do conto?



---

---

4. Quais personagens podem ser identificadas pelas características a seguir?

Viúvo	➔	
Cruel feiticeira	➔	
Moça bonita	➔	
Onze moços	➔	

Outra característica dos contos maravilhosos é a presença de personagens que representam a luta do bem contra o mal. O personagem central, considerado o mais importante, e que representa o bem chama-se **PROTAGONISTA**. Em oposição ao protagonista, e representando o mal aparece o **ANTAGONISTA**, personagem que rivaliza com o protagonista. Geralmente é o vilão.

5. No conto “Os onze cisnes da princesa”, indique quem desempenha o papel de:

PROTAGONISTA: \_\_\_\_\_

ANTAGONISTA: \_\_\_\_\_

 **CONCLUÍMOS** que, nos contos maravilhosos, as personagens.....  
.....  
.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

**Tempo**

O tempo em que se desenvolve a história pode ser determinado com marcadores que indicam dia, ano, horas. Quando não há esses marcadores precisos, o tempo é indeterminado. Observe alguns indicativos de tempo utilizados no conto “Os onze cisnes da princesa”:

“Era uma vez...”      “Um dia...”      “Os anos se passaram...”  
“Aquela noite...”      “E o tempo foi passando...”

Como você pode perceber, os marcadores de tempo retirados do conto são imprecisos, pois não indicam certamente quando os fatos aconteceram ou a duração exata deles. Isso porque a atemporalidade da narrativa é uma característica dos contos

Característica de algo ou alguém que não é afetado pelo passar do tempo, ou seja, que faz parte de qualquer época ou tempo.

1. Copie outras expressões do texto que indicam que o tempo em que os fatos acontecem é indeterminado.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

 **CONCLUÍMOS** que, nos contos maravilhosos, o tempo.....  
.....  
.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

### Enredo

O enredo é construído pelas ações da narrativa. Os fatos se desenrolam formando a trama da história.

**1. Qual é a ação do rei, expressa nos 3 primeiros parágrafos, que dá início à trama da história?**

---

---

**2. Nos parágrafos seguintes (até o 6º) encontramos as ações da rainha bruxa. Quais são elas?**

---

---

---

**3. Em uma palavra, como você define as atitudes da rainha bruxa em relação aos seus enteados? O que a rainha bruxa fez é algo possível de ser feito no mundo real?**

---

---

Os enredos dos contos maravilhosos falam de sentimentos comuns a todos nós, como: ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração. Além disso há, obrigatoriamente, a presença de elementos, ambientes e personagens mágicos que fazem com que a narrativa se distancie do mundo real.

**4. Indique outros elementos do conto que são inadmissíveis no mundo real.**

---

---

---



**CONCLUÍMOS** que, nos contos maravilhosos, o enredo

.....

.....

.....

Capriche na resposta! Ela vai para o nosso mural.

Após analisarmos os elementos da narrativa que compõem o conto maravilhoso, preencha com o professor e os colegas o esquema a seguir:

Atividade coletiva



### CONTO MARAVILHOSO

O que é:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### Elementos da narrativa

Narrador

Espaço

Personagens

Tempo

Enredo

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



## ATIVIDADE H

- Leitura do conto: “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo (texto 1 da coletânea)

O texto que nós acabamos de ler foi organizado a partir de uma sequência de acontecimentos chamada de **momentos da narrativa**. Assim como o enredo é estruturado pelas ações que ocorrem na narrativa, os momentos da narrativa constituem o enredo.



Os momentos de uma narrativa podem ser organizados da seguinte maneira: **SITUAÇÃO INICIAL. CONFLITO. CLÍMAX E DESFECHO.**

Um texto narrativo passa, necessariamente, por esses momentos para que ele se constitua como uma trama interessante para o leitor. Vamos entender melhor relacionando o texto narrativo à uma montanha russa:



Seria emocionante uma montanha-russa em linha reta, em que o carrinho anda sempre na mesma direção, do mesmo jeito?

Acredito que sua resposta tenha sido: **NÃO!** Da mesma forma, o texto narrativo se torna chato e monótono quando não desenvolve o conflito. O texto precisa progredir! Comparado à montanha-russa, ele segue a seguinte estrutura:

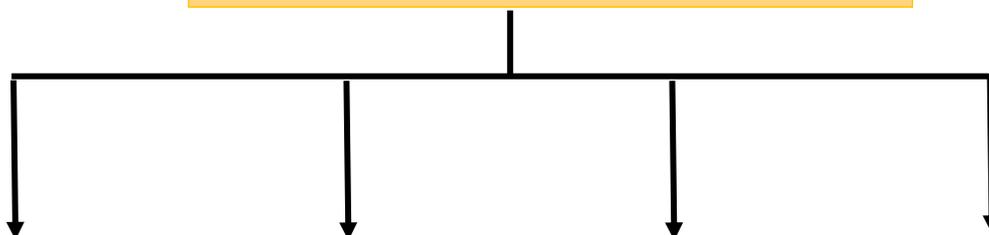
3 - A parte mais alta da montanha é o clímax, o momento mais emocionante.



**1. Identifique no conto “Moço bonito imundo” os acontecimentos correspondentes a cada um dos momentos da narrativa. Complete o quadro abaixo registrando uma síntese desses acontecimentos:**

SITUAÇÃO INICIAL	CONFLITO	CLÍMAX	DESFECHO
Começo da narrativa, momento em que apresentam personagens, tempo, lugar em uma situação de equilíbrio.	Desequilíbrio ou problema provocado por algum motivo	Momento de maior tensão na história	Final e resolução do conflito
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____
_____	_____	_____	_____

### MOMENTOS DA NARRATIVA



SITUAÇÃO INICIAL	CONFLITO	CLÍMAX	DESFECHO
Começo da narrativa, momento em que apresentam personagens, tempo, lugar em uma situação de equilíbrio.	Desequilíbrio ou problema provocado por algum motivo	Momento de maior tensão na história	Final e resolução do conflito

Que tal reproduzir esse esquema no nosso mural?

## ATIVIDADE I

- Recorte as partes do texto e cole-as ordenando para que o texto siga uma sequência narrativa. Em seguida, nomeie as partes do texto de acordo com os momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho.



A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou a gostar de colega de classe. Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

### Coco Verde e Melancia

Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.



Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

E o tempo passou. [...]

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.



## ATIVIDADE J

Anteriormente lemos o conto “Moço bonito imundo”, de Ricardo Azevedo (texto 1 da coletânea). Alguém se lembra da história para compartilhar com a turma?

- Logo no início do conto o moço encontra-se com uma figura que lhe faz uma proposta e promete deixá-lo rico. Quem é esse ser? \_\_\_\_\_
- Releia o conto até o parágrafo 33. Você vai perceber que o autor usou diferentes nomes para se referir a esse ser. Copie todos que você encontrar:

---

---

---

Os nomes que você listou acima são considerados SINÔNIMOS

SINÔNIMOS são palavras que, apesar de diferentes, tem o mesmo significado, ou significados muito parecidos dentro de determinado contexto.

É essencial que você analise o contexto em que a palavra está inserida. No trecho que você leu foi utilizada a palavra **CÃO**. Veja como essa palavra é definida no dicionário Aurélio:

**Cão:** 1. Animal mamífero de quatro patas, domesticado pelo homem desde os tempos remotos. 2. Peça de arma de fogo que percute espoleta. 3. O demônio.

No conto “Moço bonito imundo”, qual a definição se refere à palavra CÃO? \_\_\_\_\_

### E para que servem os sinônimos?

- Converse com seu professor, dê sua opinião, ouça a opinião dos colegas e, depois, assinale as alternativas que expressam as funções dos sinônimos no texto:

- |                                    |                                     |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| ( ) Evitar repetição nas retomadas | ( ) Indicar o tempo das ações       |
| ( ) Dar ritmo a leitura            | ( ) Estimular a imaginação          |
| ( ) Enriquecer o texto             | ( ) Ajudar a construir a personagem |

## ATIVIDADE K

### Tempo verbal

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

[...]

Leia o início do conto “Moço bonito imundo”:

- Pinte todos verbos que você encontrar no trecho.
- Responda: qual o tempo verbal que predomina?
- ( ) presente      ( ) passado      ( ) futuro
- Observe: “Vive com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho é um moço forte e bonito”. Qual é o efeito de sentido provocado pela mudança do tempo verbal?



Na coletânea de contos observe como os textos são iniciados. Qual expressão se repete?

A expressão "Era uma vez" é constante no início dos contos maravilhosos. Isso porque essas histórias situam-se no tempo passado, no mundo da imaginação. O "Era uma vez" funciona como uma cápsula do tempo que imediatamente nos transporta para um passado

**Para concluir:** Nos contos maravilhosos utilizamos os verbos no \_\_\_\_\_ e no início a expressão \_\_\_\_\_ transporta o



! para um mundo de fantasia.

longínquo, em um mundo de fantasia.

### Marcadores temporais

No trecho do conto destacado acima, além de era, vivia, morreu, etc.), há outras palavras – não apenas era – que indicam o tempo em que a história acontece. Identifique que palavras indicam o tempo em que a história acontece. Identifique que palavras indicam o tempo em que a história acontece.

Vamos registrar essa conclusão no nosso mural?

Essas palavras e expressões são chamadas de marcadores temporais e tem a função de organizar a passagem dos fatos e sequenciar a história narrada.

**Atenção!** Para encontrarmos uma palavra ou expressão que indique tempo podemos fazer a pergunta: QUANDO?

### Marcadores espaciais

Além de se situar no tempo, a narrativa também precisa se localizar no espaço. Retome o trecho do conto destacado acima e identifique palavras ou expressões que deem indicação de lugar.





Essas palavras e expressões são chamadas de marcadores espaciais e têm a função de localizar onde se passam os fatos narrados.

**Atenção!** Para encontrarmos uma palavra ou expressão que indique lugar podemos fazer a pergunta: ONDE?

## ATIVIDADE EM GRUPO

- Dividam-se em 10 grupos;
- Cada grupo receberá um conto;
- A tarefa do grupo será realizar a leitura do conto destacando os marcadores temporais (quando?) e espaciais (onde?). Listar os marcadores encontrados separando-os em duas colunas;
- Concluída a atividade o grupo irá socializar com os demais os marcadores encontrados que ficarão expostos no mural para consulta nos momentos de produção de texto.

## ATIVIDADE L

- Leitura do conto: “Coco Verde e Melancia”, de Ricardo Azevedo (texto 4 da coletânea) – Ouça com atenção e acompanhe a leitura que seu professor irá fazer.



### Sinais de

1. Observe que acordo com



### pontuação

a pontuação final de cada uma das frases retiradas do conto acabamos de ler. Analise seu sentido e escreva o número correspondente à expressividade que cada uma pode ter de o quadro:

- (1) Apresenta uma declaração em que se nega algo.
- (2) Expressa ênfase a uma ideia.
- (3) Expressa uma pergunta.
- (4) Faz uma declaração em que se afirma algo.

( ) Era um fazendeiro muito rico.

( ) O homem não gostou nem um pouco.

( ) Amo você, Melancia!

( ) Tá tudo acabado!

( ) Pensam que me enganam?

( ) Cadê a menina?

( ) O coração do rapaz parou de bater.

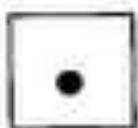
( ) Nem chorar ele chorava.

**2. Volte ao texto e complete o quadro abaixo listando nele os sinais de pontuação adequados em cada coluna:**

PONTUAÇÃO EM FIM DE FRASES	OUTROS SINAIS DE PONTUAÇÃO EMPREGADOS NO TEXTO

**3. EM DUPLAS. Analise como cada sinal de pontuação foi utilizado no texto e complete as linhas indicando a função de cada um:**

Reproduzir no mural 



**Ponto final:**

---

---

---



**Ponto de interrogação:**

---

---

---



**Dois-pontos:**

---

---

---



**Travessão:**

---

---

---

**4. Pontue corretamente o fragmento abaixo, de acordo com o que você respondeu na atividade anterior:**

Coco Verde e Melancia eram apaixonados um pelo outro  O pai da menina não  
aceitava o namoro  Certo dia o pai mandou a menina embora para a casa da tia e ela não  
pode se despedir do seu amado  Coco Verde preocupado com o sumiço da namorada foi  
perguntar ao pai dela

Cadê a menina

O fazendeiro respondeu, fingindo tristeza

Morreu



O menino ficou desesperado e gritou

Eu quero morrer junto com ela

## Discurso direto e discurso indireto: formas de representar a fala das personagens

### 1. Compare os exemplos I e II e responda às questões:

I. O menino disse que voltaria para matar a saudade da família.

II. O menino disse:

- Volto para matar a saudade da família.

a) Que diferença se pode observar entre esses dois exemplos?

---

---

---

b) Para que serve o travessão no exemplo II?

---

---

### 2. Releia esta

fala do pai da menina:

- Tá tudo acabado! Minha filha morreu!

Reescreva essa frase como se o narrador contasse com as próprias palavras o que o pai da menina disse, isto é, sem dar a palavra ao homem. Comece com:

O pai da menina disse que.....

.....

.....

3.

Quando a menina voltou para a casa, o pai, sem avisar nem explicar coisa nenhuma, disse que ela arrumasse as malas. Explicou que ela ia fazer uma viagem.

Releia  
um  
trech

o do narrador do conto:

Reescreva o trecho separando a fala do narrador da fala da personagem e dando a palavra ao homem. Use **dois-pontos** depois da fala do narrador e **travessão** antes da fala do homem.

---

---

---

---

---

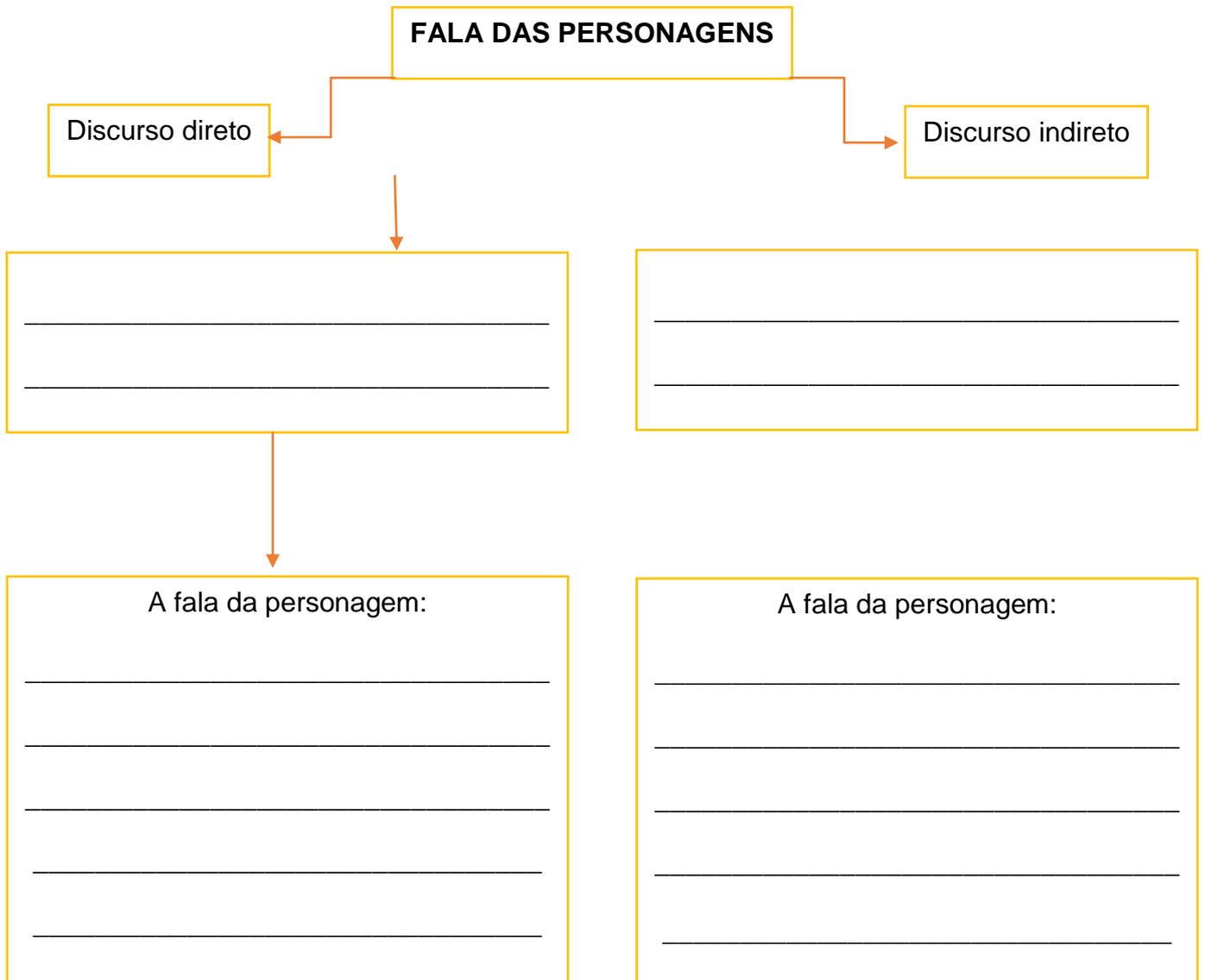
---

---

**Discurso direto:** quando o narrador dá a palavra à personagem, e a fala da personagem vem claramente separada da fala do narrador por travessão ou aspas.

**Discurso indireto:** quando o narrador conta o que a personagem diz sem dar a palavra a ela.

4. Complete o esquema com o que você acabou de aprender sobre a fala das personagens. Utilize as dicas abaixo para preencher as lacunas.



**DICAS:**

- A personagem fala diretamente
- O narrador conta o que a personagem diz
- É contada indiretamente pelo narrador
- É separada da fala do narrador
- Chega ao leitor pelas palavras do narrador
- É geralmente introduzida por travessão ( - ) ou vem entre aspas ( “ ” )



### Atividade em grupo

## ATIVIDADE M

A tarefa de vocês será elaborar uma lista de palavras que remetam ao universo maravilhoso dos contos. Pode ser personagens, lugares, ações, características, enfim, qualquer palavra que pode ser utilizada nos contos maravilhosos. Vocês podem pesquisar nos textos da coletânea.

# ABC DO ERA UMA VEZ...

A de \_\_\_\_\_

B de \_\_\_\_\_

C de \_\_\_\_\_

D de \_\_\_\_\_

E de \_\_\_\_\_

F de \_\_\_\_\_

G de \_\_\_\_\_

H de \_\_\_\_\_

I de \_\_\_\_\_

J de \_\_\_\_\_

K de \_\_\_\_\_

L de \_\_\_\_\_

M de \_\_\_\_\_

N de \_\_\_\_\_

O de \_\_\_\_\_

P de \_\_\_\_\_

Q de \_\_\_\_\_

R de \_\_\_\_\_

S de \_\_\_\_\_

T de \_\_\_\_\_

U de \_\_\_\_\_

V de \_\_\_\_\_

W de \_\_\_\_\_

X de \_\_\_\_\_

Y de \_\_\_\_\_



Vamos compartilhar com a turma as palavras que vocês listaram? Elas podem fazer parte de um banco de palavras a ser fixado no mural. Utilize-as para melhorar o seu conto!!



atividade em duplas

## ATIVIDADE N

Você aprendeu que nos contos maravilhosos as personagens classificam-se de acordo com o papel que desempenham na história. A que desempenha o papel principal chama-se **protagonista**. Nos contos maravilhosos o protagonista costuma ser um herói ou uma heroína. A personagem que se opõe ao protagonista, seja porque sua ação atrapalha a do protagonista, seja porque suas características são opostas às dele, é chamada de **antagonista**. Essa personagem é o vilão da história.



Os contos maravilhosos apresentam um herói ou uma heroína, e um vilão ou uma vilã. Os personagens são descritos no seu aspecto físico (altura, cor de cabelo, pele, olhos, beleza ou não, etc.) mostram também o seu modo de ser, isto é, como são psicologicamente (medrosos, corajoso, esperto, mal, bravo, violento, bom, caridoso, companheiro, amigo, bondoso, paciente, prudente, etc.). Às vezes é o comportamento da personagem que mostra como ela é.

### Vamos conhecer as personagens dos contos produzidos na sala?

Para isso, as duplas que produzirão os contos irão se caracterizar como as personagens que criaram. Vale usar fantasia, fazer maquiagem, enfim, use sua criatividade para mostrar aos seus colegas as incríveis personagens que vocês criaram!!!

**Características**

**físicas:**

---

---

---

---

Para ajuda-los na apresentação, preencha a descrição da sua personagem:

**No dia da apresentação fique atento às opiniões dos colegas sobre suas personagens e utiliza-as para enriquecer seu texto.**

**Características psicológicas:** \_\_\_\_\_

---

---

---

## ATIVIDADE O

### Vamos escrever um conto maravilhoso?



Chegou o momento de vocês produzirem um conto maravilhoso. Então, coloque em prática tudo que você aprendeu sobre esse gênero. Em seu conto, você terá que abordar um tema referente aos sentimentos humanos e às relações sociais.

Escreva um conto maravilhoso escolhendo, em cada uma das tiras de opções que se seguem, um (a) protagonista, algo que ele ou ela deseje, alguém ou alguma coisa que o ajude, e assim sucessivamente até à conclusão feliz do seu conto. Pode sempre escolher outros elementos, inventados por você.

Escolha o (a) protagonista do conto que irá escrever.



Escolha o que essa personagem procura.



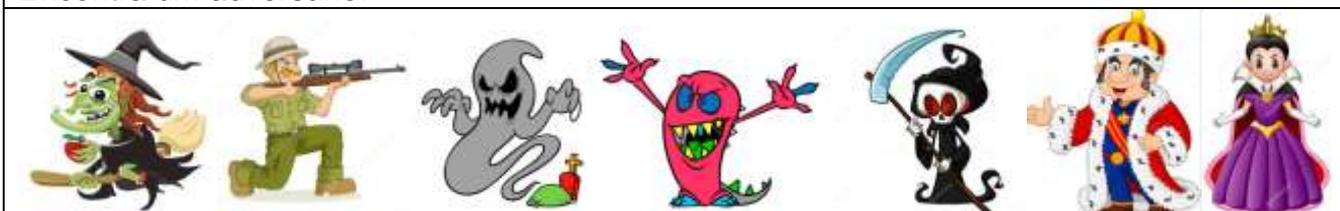
Alguém ou alguma coisa ajuda o (a) protagonista.



O protagonista tem que partir para conseguir seu objetivo. Usa como meio de transporte:



Encontra um adversário.



O (a) protagonista corre perigo porque é:
*Ferido (a) *Feito (a) escravo *(a) Feito (a) prisioneiro *(a) Condenado (a) a morte
E o final é feliz!



Releia sua produção



## ATIVIDADE P

observando se ela está adequada ao

que foi proposto. Considere os itens abaixo e assinale com um X na coluna adequada:

Está bom.

Precisa melhorar (reescrever).

Critérios para a revisão da produção do conto maravilhoso		
O tema é pertinente ao gênero?		
Tem a presença de elementos maravilhosos?		
Situação inicial		
Complicação		
Clímax		
Desfecho		
O tempo é indeterminado?		
O espaço remete ao mundo da imaginação?		
O protagonista e antagonista estão bem caracterizados?		
Utilizou o narrador em 3ª pessoa?		
O tempo verbal é o passado?		
Utilizou organizadores temporais e espaciais?		
Utilizou corretamente os sinais de pontuação?		
Utilizou o discurso direto e indireto para dar voz às personagens?		

A linguagem é adequada ao público?		
Escreveu corretamente as palavras?		
O texto está distribuído em parágrafos?		



**Esta avaliação será retomada quando for reescrever seu texto.**

Atividade em duplas

### ATIVIDADE Q

Leia o texto que você recebeu e o avalie de acordo com os critérios abaixo

**Autores do conto:** \_\_\_\_\_

**Revisores:** \_\_\_\_\_

Critérios para a revisão da produção do conto maravilhoso		
O tema é pertinente ao gênero?		
Tem a presença de elementos maravilhosos?		
Situação inicial		
Complicação		
Clímax		
Desfecho		
O tempo é indeterminado?		
O espaço remete ao mundo da imaginação?		
O protagonista e antagonista estão bem caracterizados?		
Utilizou o narrador em 3ª pessoa?		
O tempo verbal é o passado?		
Utilizou organizadores temporais e espaciais?		
Utilizou corretamente os sinais de pontuação?		
Utilizou o discurso direto e indireto para dar voz às		

personagens?		
adequada ao público?		
etamente as palavras?		
istribuído em parágrafos?		
Está bom.	Precisa melhorar (reescrever).	



**Sugestões para melhorar o texto:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## ATIVIDADE R

Chegou o momento de começarem a **reescrever** o conto. Para isso é importante lembrarmos dos momentos que compõem a narrativa: situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Retome as aprendizagens que estão dispostas no mural e participe da conversa conduzida pelo seu professor.

Neste momento vamos pensar na situação inicial do conto. Para que você possa se inspirar recorra aos textos da coletânea de Ricardo Azevedo e realize a seguinte atividade:

- “O príncipe encantado no reino da escuridão” – do 1º parágrafo até o \_\_\_\_\_ parágrafo
- “A mulher do viajante” – do 1º parágrafo até o \_\_\_\_\_ parágrafo
- “O filho do ferreiro” – do 1º parágrafo até o \_\_\_\_\_ parágrafo

➤ Identifiquem os parágrafos que compõem a situação inicial dos contos:

**Agora mão à obra!!! Reúna-se com sua dupla e reescrevam ou adequem a situação inicial do conto que escreveram**

Depois que reescreveram a situação inicial do conto, leiam todo o texto e procurem identificar:

Qual \_\_\_\_\_ é \_\_\_\_\_ o \_\_\_\_\_ conflito?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Sua tarefa será reescrever ou adequar esses momentos da sua narrativa. Capriche!**

Qual é o clímax? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Agora só falta o final do seu conto. Vamos pedir a opinião dos colegas? Vocês irão trocar os textos e terão a tarefa de escrever um final para o conto da outra dupla. **Lembrem-se: nos contos maravilhosos o final sempre é feliz.**

Quando receberem os textos de volta decidam: qual final ficou melhor? O que vocês escreveram ou o dos colegas? Dá para misturar os dois e compor um novo final? Façam como acharem melhor e finalize o seu conto.

Com o conto finalizado, leia-o para a turma.

## ATIVIDADE S

Observe as ilustrações abaixo. Elas fazem parte da obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*, de Ricardo Azevedo e acompanham os contos que compõem a coletânea no final do material. Relacione cada ilustração com o trecho do conto correspondente:



1



2



3



4





5



6



7



8



9

- ( ) Se precisar de mim basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão (O príncipe encantado no reino da escuridão).
- ( ) Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno (A mulher dourada e o menino careca).
- ( ) Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio satanás! (Moço bonito imundo).
- ( ) O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento (A mulher dourada e o menino careca).
- ( ) Num pé de serra, no caminho da escola, tinha um arvoredor. Seria ali o lugar secreto dos dois (Coco Verde e Melancia).
- ( ) No dia do casamento, no meio da festa, a casa do fazendeiro cheia de gente, apareceu um homem a cavalo. Disse que era tocador de viola. Queria cantar em homenagem aos noivos (Coco Verde e Melancia).
- ( ) O navio rachou ao meio e afundou. Agarrado num pedaço de madeira, o jovem viajante ficou três dias e três noites navegando sem rumo (A mulher do viajante).
- ( ) Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra. Correram para a lagoa e ficaram nadando (Os onze cisnes da princesa).

( ) - Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte. Quase sempre andamos juntas por esse mundo afora (Dona Boa-Sorte mais Dona Riqueza).

**De acordo com o que você observou nas ilustrações acima, converse com os colegas e professor e responda: Qual é a função da ilustração em um conto? Anote aqui suas conclusões:**

---

---

---

---

**Você participará de uma aula com o professor de Arte que irá apresentar algumas técnicas de ilustração: xilogravura, colagem, fotografia, aquarela, desenho. Preste muita atenção, você deverá escolher uma das técnicas apresentadas para ilustrar o seu conto.**



**Chegamos ao final do nosso projeto de escrita. Agora você já é autor de um conto e, com ele, ajudará a compor a coletânea de contos da turma.**

**Temos algumas decisões a tomar:**

- Qual será o título da coletânea?
- Quem escreverá a dedicatória?

- Que dia faremos o lançamento do nosso livro?
- Quem iremos convidar?

Agora é com vocês!!!



## Coletânea de contos de Ricardo Azevedo

### 1 - Moço bonito imundo

Era uma vez um homem muito pobre. Vivia com a mulher e o filho num casebre na beira da estrada. Seu filho era um moço forte e bonito.

O homem já tinha idade. Um dia trabalhando na terra, sentiu-se mal, foi para a cama e morreu. Pouco tempo depois sua mulher morreu também.

Sozinho no mundo, sem família, sem dinheiro, sem trabalho, o moço achou que o único jeito era largar tudo e sair por aí.

-Vou deixar minha sorte nas mãos do destino- disse ele, pegando a estrada, com uma sacola pendurada nas costas.

E lá foi ele sem rota nem rumo. Andou e desandou por caminhos e descaminhos. Subiu e desceu montanhas. Atravessou e desatravessou florestas escuras.

Uma tarde, estava descansando deitado debaixo de uma árvore. Uma figura surgiu só Deus sabe de onde. O moço tomou um susto. A figura era um homem alto e pálido, vestindo roupa preta.

O moço quase fugiu. Catou, no chão, um pedaço de pau grosso. O tal sujeito tinha pés de bode!

-Não precisava ter medo- disse o recém-chegado. - Conheço bem sua história. Sei que perdeu os pais e agora anda sozinho pelo mundo tentando se arranjar na vida.

O vento assobiava assustado. Trovoadas tamborilavam inesperadas no céu azul.

- Posso ajudar você- completou o homem com uma voz macia. E abriu um sorriso amarelado.

Diante daqueles dentes arreganhados, o jovem teve certeza. Estava diante do diabo. Estava falando com o próprio satanás!

- Mas tem uma coisa- disse o Tinhoso- antes você vai ter que provar que é corajoso de verdade.

O jovem era peitudo:

-Pode ter certeza de que sou sim!

O Coisa-Ruim caiu na gargalhada e, num gesto mágico e ameaçador, fez surgir, do nada, um monstro imenso e peludo.

Os olhos do bicho chispavam. Soltando fumaça pelo nariz, o monstrengo rosnou e veio pra cima do moço.

Os dois rolaram pelo chão numa luta de vida ou morte. Num golpe de sorte, o rapaz conseguiu virar o corpo de lado, pegar areia do chão e, rápido, atirar nos olhos do bicho. Durante um instante, o monstro se atrapalhou. Foi tempo suficiente para o jovem pegar o pau e acertar uma pancada tão forte que a testa do monstrengo rachou no meio.

O Capeta coçou o nariz impressionado.

-Tenho uma proposta a fazer- disse ele em voz baixa.

Chegou mais perto. Garantiu que poderia deixar o moço rico. Garantiu que podia encher o moço de felicidade. Mas tinha uma condição: durante sete anos o rapaz não poderia tomar banho, nem cortar os cabelos, nem a barba e as unhas, nem se pentear e nem trocar de roupa.

O moço não entendeu.

O Cão arrancou a pele do monstro e fez uma espécie de roupa.

- Durante sete anos você vai ter que andar enrolado nessa capa.

E concluiu:

-Se durante esse período de tempo você não aguentar viver desse jeito, sua alma será minha. Em compensação, rosnou o satã, se conseguir sobreviver, se conseguir ficar sete anos sem se cuidar, enrolados nessa pele, você será livre e muito rico.

O moço ficou confuso. Era jovem, era forte, era bonito. Andar durante sete anos enrolado numa pele peluda de monstro sem poder tomar banho nem nada?

O Arrenegado prometeu:

-Agora vem a coisa boa: se aceitar o trato, a partir de agora, toda vez que precisar de dinheiro, é só enfiar a mão no bolso. Seu bolso vai ter dinheiro sempre. O quanto você quiser!

O moço olhou o Não-Sei-Que-Diga no olho.

-Se topar o desafio \_ continuou o outro \_, você vai andar feio, repulsivo e imundo, mas sempre e sempre terá dinheiro para fazer o que desejar.

O moço parou para pensar. Estava solto na vida. Não tinha nada a perder. É verdade que seria ruim andar estrepado, molambento e malcheiroso durante tanto tempo. Por outro lado, disse ele para ele mesmo, por dentro, debaixo da pele do monstro, debaixo da sujeira e das unhas encardidas, ele seria sempre ele mesmo. Era o que importava. O resto era só aparência sem serventia.

Respirou fundo.

-Eu topo!

O Pé-De-Bode soltou uma gargalhada e virou fumaça, deixando o ar envenenado de mistério, medo e maldade.

A partir daquele dia o moço bonito passou a levar uma vida estranha.

Tinha dinheiro para fazer o que quisesse. Mas com aquela roupa? Com aquele jeito? O pior é que quanto mais o tempo passava, pior a aparência do moço ia ficando.

Nos primeiros meses, ainda deu para enganar. Era jovem, bonito e tinha sempre dinheiro. Depois, sua vida foi como que se desfazendo, se desmanchando numa espécie de lixo que era uma pessoa.

O rapaz virou uma figura horrível, barbuda, unhuda e cabeluda, sempre cheirando mal, sempre enrolado naquela pele de bicho que ninguém conhecia.

As pessoas tinham medo. Pensavam que ele era algum mendigo enlouquecido.

As crianças fugiam achando que ele podia ser perigoso.

Até os animais evitavam se aproximar daquela figura medonha.

Mesmo com dinheiro na mão para gastar a vontade, o moço passava por dificuldades.

Os comerciantes, por exemplo, não queriam saber dele dentro de suas lojas.

As hospedarias também não.

Sendo assim, o moço bonito imundo foi se isolando, foi se afastando, foi ficando cada vez mais sozinho na vida.

Como não tinha ninguém para conversar ou trocar ideias, ia conversando ele com ele mesmo e isso até era bom. Ficava horas e horas pensando. Acabou lembrando coisas da infância que tinha esquecido completamente. Pensou muito em seu pai e sua mãe e

na vida que eles levavam. Pensou nos amigos. Pensou também nele mesmo, em sua existência, nas moças que tinha amado, nas coisas que gostava de fazer e no pacto com o maligno. Pouco a pouco foi até se conhecendo um pouco melhor.

Os anos passavam vagarosos.

Um dia, cansado de ficar sozinho no mato, o moço bonito imundo decidiu que iria dormir melhor e comer comida boa.

Encontrou uma hospedaria no caminho, bateu na porta e entrou.

Ao dar com aquela figura medonha, cabeluda e malcheirosa, o dono do estabelecimento ficou assustado. Ameaçou a chamar a polícia. Só mudou de ideia quando viu cem moedas de ouro em cima da mesa.

Mesmo com os olhos brilhantes por causa do dinheiro, o dono do hotel disse que o moço podia ficar mas só se fosse no quarto dos fundos. Comida, só no próprio quarto.

-Não quero que fique passeando por aí - disse o homem juntando rapidamente as moedas com cara de nojo. - Os outros hóspedes vão querer ir embora!

O moço baixou a cabeça. Pelo menos ficaria num quarto limpo. Pelo menos teria comida quente. Pelo menos teria gente por perto. Era melhor do que nada.

Subiu as escadas, entrou no quarto, trancou a porta e deitou-se na cama.

Mais tarde, depois do jantar, escutou alguém chorando. Era um choro escondido, disfarçado, engasgado de vergonha. Era choro de homem.

-O que é que eu faço agora? O que é que eu faço?- dizia uma voz gemendo baixinho.

O moço sentiu pena. A voz vinha do quarto ao lado. Resolveu ir até lá. Bateu na porta.

Quando deu com aquela figura medonha parada no corredor, o hóspede que chorava levou um susto, correu para o fundo do quarto e pegou uma arma.

O moço bonito imundo pediu a ele que se acalmasse. Desculpou-se pelo seu estado.

Explicou que apesar de estar assim era pessoa de bem. Pediu para não ter medo. Perguntou o que afinal estava acontecendo. Talvez pudesse ajudar.

-Sou um desgraçado - disse o homem sentando-se na cama - Entrei em maus negócios. Fiz besteira. Acabei perdendo tudo. Agora para pagar minhas dívidas terei que vender minha casa. Ela é meu último bem.

O homem cobriu o rosto com as mãos.

-E minha mulher? E minhas três filhas? O que é que eu faço agora? Tenho vergonha de voltar para casa e dar a notícia a elas.

O homem soluçava.

-Vamos ficar sem ter onde morar, nem o que comer. Como vai ser a nossa vida? Não tenho coragem de entrar em casa chamar a família e contar a verdade! O que é que faço, meu Deus, o que é que eu faço?

A figura medonha e estranha enfiou a mão no bolso e jogou em cima da cama um monte de moedas de ouro.

-Isso é suficiente ou precisa mais?

Os olhos do negociante não acreditaram.

-Mas...

E o moço atirou outro punhado de moedas.

-Eu tenho muito \_ disse ele.\_ Dou de presente. Pode pegar a vontade. É tudo seu.

Mesmo assustado, mesmo com medo e nojo, o homem atravessou o quarto e abraçou o moço. Depois agradeceu de joelhos. Disse que aquilo era sua salvação. Disse que era a sua chance para recomeçar a vida. Chorou de novo. Segurou o braço do imundo. Fazia questão de leva-lo até em casa para conhecer a sua família. Tinha três filhas. Ofereceu uma delas em casamento.

-Graças a você minha família não foi destruída!

O moço aceitou. Não pelas filhas, mas pela chance de estar perto de pessoas, de conversar um pouco, de estar junto com alguém.

O homem e o moço bonito imundo saíram da hospedaria. Antes de mais nada, o negociante foi até o centro da cidade e pagou suas dívidas. Depois foram para a sua casa.

O tal homem tinha três filhas. Cada uma mais bonita do que a outra.

Ao verem aquela figura barbuda e imunda sentada na sala, as três sentiram medo. As duas mais velhas, cheias de espanto e nojo, não quiseram nem falar com o visitante. Ficaram de longe, com cara feia, torcendo o nariz.

A mais nova também sentiu-se mal. Mesmo assim, estava agradecida. Afinal, sabia que graças aquela pessoa medonha e suja, seu pai tinha conseguido saldar suas dívidas e salvar a família. Por essa razão, mesmo aflita e enojada, a menina se aproximou do moço e puxou assunto.

Ficou surpresa. Percebeu que, apesar da aparência, o visitante era inteligente, simpático e divertido.

Os dois conversaram a tarde inteira. No fim a moça chamou o pai de lado. Disse que sim aceitava se casar com aquele moço feio e imundo.

Quando as outras irmãs souberam, acharam graça da vontade da mais moça. Até a mãe da menina sacudiu a cabeça preocupada.

O moço bonito imundo, com a voz emocionada, disse que estava muito contente mas, infelizmente, ainda não podia se casar. Sem entrar em detalhes, explicou que tinha um certo trato a cumprir. Não

tinha jeito. Era um compromisso importante. Um pacto. Contou que ainda faltavam dois anos.

-Eu espero - disse a moça.

Ao despedir-se, o moço tirou da sacola um anel, única lembrança de sua mãe. Cortou em dois pedaços. Colocou um dos pedaços nas mãos da menina.

-O outro, juro que dou a você daqui a dois anos\_ disse ele antes de partir.

E lá foi o moço bonito imundo de novo pelas estradas e desvios do mundo.

Andou, andou, andou. Acabou achando melhor viver escondido no mato. Estava cansado de assustar as pessoas. De sentir gente olhando para ele com nojo e estranhamento. Na solidão o moço continuou conversando e discutindo com ele mesmo. Lembrando de coisas. Repensando sentimentos e experiências. Revivendo sua vida ponto por ponto.

Dois anos demoram duas vezes mas acabam passando.

Um dia o moço bonito imundo estava deitado embaixo de uma árvore, pensando na vida quando uma figura surgiu parada em sua frente. Era o Lúcifer em osso e carne.

-Parabéns - disse ele fazendo cara de contentamento fingido. - Você foi muito forte. Você aguentou firme. Você ganhou. Os sete anos se passaram. Agora você pode tomar banho, cortar cabelo, barba e unhas e seguir sua vida.

-Nada disso! - gritou o moço. - Primeiro você vai ter de me dar banho. Segundo, você vai cortar meu cabelo. Depois, vai fazer minha barba, aparar minhas unhas e ainda arranjar uma roupa decente para eu vestir!

O Beiçudo não queria mas o moço pegou um pedaço de pau grosso pronto para brigar.

Dizem que o Demônio é poderoso mas covarde.

Num gesto mágico, em menos de um segundo, a figura bonita imunda se viu banhada, barbeada, cabelo cortado e unha aparada, vestindo roupa nova.

Elegante e feliz a vida, o moço saiu da mata, comprou um cavalo branco e foi direto pra casa do negociante.

Encontrou as três irmãs conversando na varanda. Nenhuma delas reconheceu o moço. O recém-chegado disfarçou. Perguntou pelo negociante.

-Deve estar chegando logo - disseram as duas irmãs mais velhas ao mesmo tempo. Tinham achado o moço a coisa mais linda.

A irmã caçula nem ligou. Parecia triste e abatida.

O recém-chegado desceu do cavalo e perguntou se podia esperar o negociante na varanda.

Conversa vai, conversa vem, a irmã mais moça contou que tinha sido noiva mas agora achava que o

seu noivo tinha morrido. Disse que estava muito triste.

O moço sorriu. Enfiou a mão no bolso e mostrou a metade de um anel.

No começo, a menina não quis acreditar que aquele moço e a figura imunda eram a mesma pessoa, mas o recém-chegado contou tudo.

O negociante veio e logo o casamento foi marcado.

Dizem que foi a festa mais bonita que já houve até hoje.

As duas irmãs mais velhas ficaram roendo as unhas de ciúmes e inveja, mas isso já é uma outra história.

*Acabou-se o que era doce  
Toda história tem um fim  
Quero ver quem conta outra  
Que seja bonita assim!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 07-15

## 2 - A mulher dourada e o menino carçea

Aquele homem vivia de enxada na mão, trabalhando na terra, roçando, capinando, plantando, lutando de sol a sol para sustentar mulher e filho pequeno.

Um dia estava com o machado cortando mato. Sem querer, o machado escapou e quebrou uma pedra. Debaixo da pedra havia um buraco.

- Será buraco de cobra? Será tatu ou o quê?

O homem foi olhar.

Tomou um susto. Uma luz brilhou estranha. Depois, surgiu do fundo da terra uma mulher tão linda quanto as flores mais coloridas e as pedras mais raras e preciosas.

O homem quis fugir. A tal mulher parecia uma deusa. O homem quis desaparecer. Ela usava vestido de ouro e vinha enfeitada de joias preciosas. Sua cabeleira era negra, selvagem e sedosa.

A mulher, infelizmente, saiu do buraco muito aborrecida.

- Como você teve a coragem de interromper meu sono desse jeito? Desgraçado! Quem é você pra fazer uma coisa dessas?

O homem gaguejava tentando se desculpar.

- Cale a boca! - gritou a mulher dourada. - Vai pagar caro pelo que fez! Vou acabar com a sua vida!

O homem caiu de joelhos:

- Por favor, dona! Eu sou pobre! Ando por aí cortando mato, roçando, plantando, lutando para poder sobreviver. Por favor, não me mate. Foi sem querer. Tenho mulher e um filho pequeno para cuidar!

A mulher Dourada fez cara feia mas acabou sentindo pena daquele homem humilde chorando ajoelhado.

- Vamos fazer um trato - disse ela. - Você dá seu filho para eu cuidar e, em troca, deixo você vivo e ainda dou de presente um saco cheio de ouro!

O homem não viu outra saída. Foi para casa e trouxe o menino.

A mulher dourada deu o saco cheio de ouro, pegou o menino pela mão e sumiu no buraco escuro.

O homem voltou para casa chorando. Devia estar feliz por causa do dinheiro. Com aquele saco de ouro ia poder ter uma vida mais tranquila. Mas sem o filho? O homem soluçava e pensava como a vida pode ser tão cheia de toma-lás e de dá-cás.

Sempre junto da mulher dourada, o menino desceu pelo buraco, encontrou uma estrada e foi andando.

Chegaram num castelo de cristal escondido no fundo profundo da terra.

O menino nunca pensou que pudesse existir tanta beleza e tanta maravilha.

- De hoje em diante tudo isso é seu - disse a mulher dourada. E entregou a ele todas as chaves do palácio.

- Você agora é feito um filho. Pode fazer o que quiser. Pode brincar. Pode passear. Pode comer e beber. Pode entrar em todos os lugares e conhecer o castelo de cristal inteiro. Você é dono de tudo. Mas tem um porém.

A voz da mulher dourada ficou dura.

- Dobrando à esquerda, trancadas no último quarto do corredor, existem doze arcas douradas. São marcas proibidas. Nessas, só eu mexo. Se você abrir uma só delas, perde minha proteção para sempre!

A mulher segurou o menino pelos ombros.

- Você entendeu bem?

- Entendi - disse ele assustado.

- Fica combinado?

- Fica!

E assim, o menino pobre, filho do homem que trabalhava de enxada na mão, passou a levar vida de rei. Agora tinha as melhores roupas. Andava e fazia o que queria. Passeava em cavalos voadores. Brincava com brinquedos mágicos. Trazia o bolso cheio de moedas de ouro. O tempo passou.

Mas o destino vira e mexe surpreende.

Na cama, na hora de dormir, certa noite, um pensamento principiou a martelar na cabeça do menino: eram as arcas proibidas.

- Como são lindas aquelas arcas douradas! - pensava ele. - Quanta coisa bonita deve estar guardada dentro delas!

O menino tentava pensar em outro assunto mas sua curiosidade aumentava feito um balão de gás crescendo, crescendo sem parar.

As doze arcas proibidas viraram ideia fixa.

Um dia, não resistiu. Aproveitando-se de que a mulher dourada não estava no castelo de cristal, o

menino foi até o quarto, tomou coragem e abriu uma das arcas.

Na mesma hora, as paredes começaram a tremer. Um buraco imenso abriu-se no chão e o castelo inteiro desmoronou.

O buraco era um poço escuro. O menino foi caindo e caindo no meio de pedaços de paredes, móveis, pedras e tijolos.

Sentiu uma mão agarrando a sua. Escutou uma voz triste e zangada. Era a mulher dourada:

- Ingrato! Você descumpriu o combinado!

E a voz disse que agora, por causa dele, ia ficar mais cem anos encantada.

- Não faz mal – disse ela. – Parece que não tem jeito. A curiosidade faz parte do homem.

E a voz veio suave. Disse que gostava muito dele. Disse que perdoava. A mão da mulher dourada pôs na mão do menino uma varinha mágica.

- Com ela, você sempre vai conseguir tudo o que desejar – disse a voz que foi ficando cada vez mais longe até desaparecer nas profundezas do buraco escuro.

O menino perdeu os sentidos. Acordou num lugar desconhecido. Arrependido e zangado consigo mesmo, guardou a varinha mágica no bolso e saiu andando por uma estrada. Não sabia onde estava nem que lugar era aquele. Mesmo assim foi andando.

A paisagem por ali era muito bonita e o calor estava forte. O menino parou na beira de um riacho para matar a sede. Ao ver sua imagem refletida na água, ficou espantado. Primeiro, tinha crescido. Agora já era um moço. Segundo: seus cabelos que antes eram negros tinham ficado dourados. O moço colocou as mãos na cabeça. Sua cabeleira agora era de ouro!

Ficou encantado mas também preocupado.

- Se um bandido aparece e me vê com uma cabeleira dessas, é capaz de querer arrancar minha cabeça fora!

E o rapaz teve uma ideia. Aproveitando-se que por ali havia muito gado pastando, matou uma vaca e a preparou para o almoço.

Com a bexiga do animal fez uma espécie de chapéu, uma pele falsa, e com ela escondeu seus cabelos dourados.

Com a bexiga da vaca na cabeça e de barriga cheia, pegou a estrada e continuou sua viagem.

De vez em quando cruzava com pessoas. Um ou outro, de brincadeira, gritava: “Aí, careca!”, “Tão moço e tão careca!” e coisas assim.

O moço chegou a uma cidade. Como tinha aprendido como pai a lidar com a terra, conseguiu arranjar emprego de jardineiro no castelo do rei.

O rei daquele país era cego. Vivia no castelo, ele e sua filha, uma moça linda. Assim que soube do jardineiro novo, a princesa fez questão de ir falar com ele:

- Moço! Cuide bem das minhas flores! São a coisa de que mais gosto no mundo. Quero acordar todos os dias com um buquê de flores ao lado de minha cama, perfumando meu quarto e minha vida.

O jardineiro achou a moça muito bonita.

A partir daquele dia, a filha do rei passou a encontrar, todas as manhãs, um buquê de flores amarradas com um fio de ouro na porta do quarto.

A princesa estranhou. Ficou feliz mas também curiosa. Foi logo procurar o jardineiro.

- Estou muito satisfeita com os buquês, moço, mas de onde vêm os fios de ouro?

O moço sorriu:

- Não se preocupe com isso! Uma princesa bonita assim merece isso e muito mais.

A princesa era curiosa. Estava encantada e desconfiada com os serviços do novo jardineiro. O jardim do palácio parecia cada vez mais bonito, cheio de canteiros e floreiras novas, cachoeiras que antes nem existiam e até flores de tipos raros e desconhecidos.

- Como você consegue fazer tanta coisa? – perguntava a princesa admirada.

- Aprendi com meu pai – respondia ele.

A cabeça da menina foi ficando cheia de ideias.

Começou a vigiar o jardineiro de sua janela.

Descobriu que, todo fim de tarde, ele entrava num caramanchão e ali ficava trancado por um bom tempo.

Curiosa, a princesa resolveu fazer um buraquinho na parede do caramanchão. Depois, ficou só esperando a tarde chegar.

Quando o jardineiro careca terminou o serviço e entrou no caramanchão, a filha do rei foi correndo espiar.

Faltou pouco para o queixo da menina não despencar na terra dura.

Trancado no quartinho de madeira, o jardineiro careca tirou a bexiga de vaca que cobria sua cabeça. Depois, despiu-se e tomou banho. Mais tarde, abriu um saco, tirou roupas de veludo e um chapéu de plumas. Vestido com a roupa nova, sentou-se num banco e chorou.

Chorava de saudade dos pais.

Chorava de arrependimento por ter aberto a arca proibida, traíndo assim a linda mulher dourada.

A princesa não sabia nada do que se passava por dentro daquele jovem. Pelo buraquinho, só via que ele era bonito e tinha os cabelos dourados. A filha do rei ficou com pena. A filha do rei sentiu um calor. A filha do rei ficou apaixonada.

O rei era cego, mas não por causa de doença. O pai da princesa tinha sido enfeitiçado por uma bruxa.

Segundo um famoso adivinho, para salvar os olhos do rei, o único remédio era o leite do pássaro-azul. A ave vivia num castelo encantado no Reino-do-Entrou-Ficou.

O rei tinha enviado exércitos para o lugar. Heróis já tinham ido até lá com suas coragens e suas espadas pontudas. Ninguém tinha voltado.

A princesa já estava na idade de se casar.

O rei cego teve uma ideia. Mandou avisar que quem fosse até o Reino-do-Entrou-Ficou e conseguisse trazer uma garrafa de leite do pássaro-

azul, teria, como prêmio, a mão de sua filha em casamento.

A princesa era a coisa mais linda. Um grupo de príncipes e heróis tomou coragem e decidiu viajar até o Reino-do-Entrou-Ficou.

O jardineiro careca perguntou ao rei se podia ir também.

Todo mundo achou graça, mas o rei deixou.

Para ele só uma coisa importava: conseguir o leite do pássaro-azul e com ele voltar a enxergar.

E foi assim. Os cavaleiros partiram em seus cavalos fogosos. O jardineiro careca seguiu por último trotando em cima de um burro. Os príncipes e heróis galopavam e davam risada:

- Ô careca! Não vá sujar as calças de medo quando a gente chegar no Reino-do-Entrou-Ficou!

- Careca! Olha que esse burro velho é perigoso! Cuidado para não cair!

Em vez de ficar zangado, o jardineiro careca sorria:

- Esse burro é dos bons! Esse burro, se quiser, pula por cima dessa cavalcada inteira!

Os príncipes soltavam gargalhadas e chicoteavam seus cavalos fogosos, deixando o jardineiro para trás engolindo poeira.

Quando o grupo chegou perto da montanha onde ficava o Reino-do-Entrou-Ficou, o falso careca sentiu que sua hora tinha chegado. Puxando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes. Seu burro virou um musculoso cavalo dourado.

O cavalo empinou, relinchou e saiu feito um rojão deixando o grupo de cavaleiros lá longe.

Graças à varinha mágica, cavalo e cavaleiro saltaram os sete muros de pedra do Reino-do-Entrou-Ficou, passaram por sete leões, abriram sete portas, subiram sete escadas e chegaram na torre onde estava guardado o pássaro-azul.

Descendo do cavalo, o jardineiro de cabelos de ouro tirou o leite do pássaro e o guardou numa garrafinha.

Em seguida, montou no cavalo e partiu. Desceu sete escadas, abriu sete portas, passou por sete leões, saltou sete muros de pedra e foi embora. Logo adiante, fez um gesto com a varinha mágica e voltou a ser o jardineiro careca montado num burro.

Quando o grupo de príncipes e heróis chegou ao Reino-do-Entrou-Ficou, encontrou o castelo destruído e um pássaro-azul voando longe no céu.

Decepcionados e um pouco aliviados, os valentes cavaleiros deram meia volta e retornaram. No caminho, encontraram o jardineiro montado no burro.

- Ê, careca! Nem foi lá e já está voltando? Ficou com medo do Reino-do-Entrou-Ficou?

- E vocês? – perguntou o jardineiro. – Conseguiram pegar o leite do pássaro-azul?

- Claro que sim!

Os cavaleiros mentiam. Estavam levando era leite de vaca. Sua ideia era dar ao rei o leite errado e depois dizer que a culpa era do adivinho. Iam também dizer que tinham arriscados suas vidas e exigir a mão da

princesa em casamento. Ela que escolhesse um entre eles.

Os príncipes e heróis galopavam felizes. Deixaram o jardineiro para trás, chegaram no castelo e foram direto falar com o rei.

O jardineiro chegou bem depois. Amarrou o burro no estábulo e chamou a princesa. Entregou a ela uma garrafinha e disse:

- Trouxe o leite do pássaro-azul. Prefiro que você mesma passe o remédio nos olhos de seu pai.

A princesa beijou o jardineiro e correu até a sala do trono.

Encontrou o rei cego confuso, segurando uma garrafa de leite vazia. Os heróis falavam todos ao mesmo tempo. Diziam que o adivinho era um impostor. Que tinham arriscado a própria vida. Que queriam ser recompensados. Agora, um deles tinha direito de se casar com a princesa.

A princesa pediu licença, aproximou-se e pingou o leite do pássaro-azul nos olhos do pai.

Milagre. Espanto. Mistério maravilhoso. O rei que antes era cego passou a enxergar tudo.

- Mas como você conseguiu, filha? – perguntou o rei emocionado.

A moça sorriu:

- Quem me deu o leite foi o jardineiro careca!

- É impossível! – gritaram os príncipes.

- O careca foi com a gente e não teve nem a coragem de chegar perto do Reino-do-Entrou-Ficou! – explicou um deles.

O rei mandou chamar o jardineiro.

O rapaz confirmou tudo. Tinha saltado sete muros de pedra. Tinha enfrentado sete leões. Tinha aberto sete portas. Tinha subido sete escadas. Tinha, sim, tirado o leite do pássaro-azul.

- Quando os outros chegaram lá – contou ainda o jardineiro – o Reino-do-Entrou-Ficou já estava destruído.

- Mentiroso! – gritaram os príncipes e heróis fingindo revolta.

O rei não sabia o que dizer.

- Desafio o careca a duelar comigo! – gritou um dos príncipes.

- Comigo também – gritaram outros.

- Aceito – respondeu o jovem. Tirando a varinha mágica do bolso, transformou-se num cavaleiro armado até os dentes montado num musculoso cavalo dourado.

O rei e a princesa ficaram sem palavras.

Os príncipes e heróis sentiram medo.

Só quatro resolveram manter o desafio.

- Como você quer o duelo? – gritou um deles.

- Luto com os quatro de uma vez! – gritou o jardineiro de cabeleira dourada, puxando a espada da bainha.

Ao ouvir isso, os quatro cavaleiros recusaram assustados e desistiram de tudo. Montados em seus cavalos, fugiram a galope.

Feliz da vida, a princesa contou ao pai o que sabia do jardineiro. Pediu a ele que tirasse a bexiga de vaca da cabeça.

Todos ficaram encantados com aquela cabeleira dourada.

O rapaz contou sua história. Falou da pobreza de sua família e da mulher dourada. Falou do pacto feito por seu pai, do castelo debaixo da terra e de tudo o mais. Chorou. Contou das doze arcas douradas e do seu triste erro.

No fim, a princesa e o moço se abraçaram.

O rei mandou fazer uma festa de casamento.

O rapaz conseguiu encontrar seu pai e sua mãe e mandou convidá-los para a festa.

Ficou faltando só a mulher de vestido dourado, joias preciosas e cabelos selvagens. Essa, infelizmente, ele nunca mais encontrou na vida.

*Uma história como esta  
Parece beleza pura  
Quem quiser que invente outra  
Cheia de amor e aventura!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 16-27.

### 3 - O príncipe encantado no reino da escuridão

Era uma vez um negociante muito rico e poderoso. Vivia feliz com uma mulher e uma filha pequena.

Um dia, sua mulher começou a tossir. Médicos foram chamados. Tratamentos foram experimentados. Infelizmente, a doença era grave e a pobre mulher acabou morrendo.

Com uma filha pequena para cuidar, o negociante resolveu casar-se de novo. Sua nova mulher era viúva, mãe de duas filhas.

Logo a filha do homem rico e poderoso começou a sofrer nas mãos da madrasta e suas filhas. Os piores serviços ficavam para ela. As piores roupas. As piores comidas. Seu pai viajava muito e não sabia de nada.

Quando fez 15 anos, a moça chamou o pai. Contou que pretendia morar sozinha. O pai estranhou. A filha não queria criar caso. Inventou que desejava viver por conta própria para conhecer mais a vida. Apesar dos protestos do pai, foi viver numa casa no meio da floresta. O tempo passou.

Um dia, um mendigo bateu na porta da casa da filha do negociante. Pediu ajuda. Disse que estava morto de fome. O homem era horrível. Devia ter alguma doença. Andava enrolado num pedaço de pele e parecia não tomar banho há anos. Mesmo assim, a moça pediu a ele que entrasse, deixou que descansasse,

serviu um ótimo jantar e ainda ofereceu lugar para que ele pudesse passar a noite.

O mendigo agradeceu muito. Apesar da aparência, parecia ser um homem bom. Conversando depois do jantar, ele contou que era adivinho. Previu que o negociante, pai da menina, iria viajar para um país muito distante. Disse que nesse lugar existia um jardim encantado com as mais lindas rosas do mundo. As rosas eram brancas, vermelhas e roxas.

A menina imaginou aquele jardim encantado. Sonhou acordada. Como aquilo devia ser lindo!

Naquela mesma noite, quando já estava quase dormindo, a menina escutou uma voz no quarto: “Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão”.

A filha do negociante levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém!

No dia seguinte, logo cedo, foi acordar o mendigo. Apesar das portas da casa estarem trancadas por dentro, o homem havia desaparecido.

Mais tarde, alguém bateu na porta. Era o pai da moça. O negociante estava com pressa. Explicou que vinha para matar a saudade da filha e também para se despedir. Contou que pretendia viajar para um reino distante. Perguntou se a filha queria alguma coisa de lembrança. Na hora, a menina lembrou-se do jardim encantado.

— Sim — disse ela — Se for possível, quero três rosas do jardim encantado: uma branca, uma vermelha e outra roxa.

O negociante anotou o pedido, beijou a filha e partiu.

O reino distante ficava realmente muito longe. Foi difícil encontrar o jardim encantado. O lugar ficava quase no fim do mundo. Mesmo assim o pai da moça foi. Andou, andou, andou e conseguiu chegar lá. Encontrou as rosas branca, vermelha e roxa.

Quando voltou, foi direto procurar a filha.

As rosas eram mesmo muito bonitas. A menina ficou encantada.

Depois, o negociante foi para casa. Sua mulher e as duas enteadas logo quiseram saber se ele havia trazido alguma coisa para elas. Ele disse que não.

— Aposto que para aquela menina ele trouxe um rico presente — disse a madrasta em voz baixa, cheia de ciúme, inveja e dor-de-cotovelo.

E fez uma combinação com as duas filhas.

No dia seguinte, a filha mais velha apareceu de surpresa na casa da filha do comerciante. Mentiu. Disse que estava lá passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais velha da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais velha da madrasta não gostou. Arrancou a flor branca do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa branca. Dentro dela estava a sua felicidade! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a filha mais nova da madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A filha mais nova da madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essas rosas lindas.

A filha mais nova da madrasta não gostou. Arrancou a flor vermelha do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava zangada:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa vermelha. Dentro dela estava a sua riqueza! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina levou um susto. Correu para acender a luz. Olhou atrás do armário. Olhou debaixo da cama. No quarto não havia ninguém.

No dia seguinte, a própria madrasta apareceu de surpresa na casa da filha do negociante. Mentiu. Disse que estava passando por ali por acaso. Tinha resolvido fazer uma visitinha. Pediu para entrar.

A menina deixou. A madrasta entrou e logo foi perguntando se por acaso a menina tinha recebido algum presente do pai. A inocência da menina era muito grande.

— Sim — disse ela toda feliz. — Ganhei essa rosa linda.

A madrasta não gostou. Arrancou a flor roxa do vaso e a despetalou. Depois deu risada e foi embora.

A menina ficou muito triste. Naquela noite, quando já estava quase dormindo, escutou uma voz. A voz estava furiosa:

— Não devia ter deixado despetalar a rosa roxa. Dentro dela estava o seu amor! Cuidado! Se precisar de mim, basta chamar o príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

Naquela noite, a filha do comerciante teve um sonho.

Sonhou que estava num lugar desconhecido diante de um enorme palácio.

Quando acordou, tomou um enorme susto. Estava lá mesmo!

Sem saber o que fazer, sem saber se era sonho ou realidade, a menina respirou fundo, tomou coragem e resolveu bater na porta do palácio.

Pediu emprego.

Acabou sendo contratada como criada.

Com o passar do tempo, descobriu que ali morava uma rainha. A mulher tinha uma grande dor na vida. Seu filho querido, o príncipe herdeiro, a luz de sua vida, havia desaparecido. Alguns diziam que o rapaz havia morrido. Outros que havia sido raptado por bandidos. Outros achavam ainda que tinha sido raptado por piratas.

Como era muito trabalhadora, inteligente e talentosa, a menina começou a agradar a rainha, que ficava cada vez mais contente com seu serviço caprichado e sua alegria de viver.

Isso despertou inveja nas outras criadas.

Uma delas, só de maldade, um dia, disse à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de lavar e passar toda a roupa do castelo em três dias.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava e passa toda a roupa em três dias ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a roupa do palácio. Disseram que era melhor ela correr pois três dias passam depressa.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando abriu os olhos, encontrou toda a roupa lavada e passada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não gostaram nem um pouco.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz de limpar toda a prata e toda a louça da rainha de um dia para o outro.

A rainha mandou chamar a moça. Perguntou se era verdade.

A menina disse que nunca tinha falado aquilo.

Mas a rainha gostou da ideia. Disse que sentia que ela era capaz sim.

A menina insistiu que não.

A rainha não gostava de ouvir a palavra não. Bateu o pé. Deu uma ordem:

— Ou lava toda a prata e toda a louça de um dia para o outro ou vai para a forca!

Naquele dia, a pobre filha do negociante voltou para o quarto sem saber o que fazer. Logo chegaram homens trazendo dez carroças com toda a prata e toda a louça da rainha. Disseram que era melhor ela correr pois de um dia para o outro é quase nada.

Sentada na cama, a menina começou a chorar. Foi quando escutou uma voz:

— Se precisar de mim, basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão.

A menina estava cansada. Dormiu.

No dia seguinte, quando acordou, encontrou a prata brilhando e a louça lavada.

Ao saber da notícia, a rainha ficou feliz da vida.

— Eu sabia! — disse ela, esfregando as mãos.

Cumprimentou a moça. Afirmou que ela era muito inteligente e talentosa.

As outras criadas não se conformavam.

Passados uns dias, outra criada veio contar à rainha que, na cozinha, a moça se gabava de ser a melhor criada do mundo, capaz até de conseguir salvar o querido filho da rainha, o príncipe-herdeiro, que ou tinha morrido ou estava sequestrado ou era prisioneiro de piratas.

A rainha deu um pulo. Mandou chamar a menina. Caiu de joelhos. Chorou.

— Salve meu filho! — implorou ela.

A menina baixou a cabeça. Disse que sim.

— Pode levar meus soldados! Pode levar todos os exércitos! — ofereceu a rainha, aflita.

A menina disse que preferia ir sozinha.

Saiu de lá desesperada. Sabia que não podia cumprir sua promessa. Jamais conseguiria salvar o filho da rainha. Ficou andando sem saber para onde ir. Chegou num 15 alto morro de pedra. Sua vontade era pular de lá e acabar com tudo.

Foi quando escutou uma voz:

— Quantas vezes mais vou precisar repetir que se precisar de mim basta chamar o Príncipe Encantado no Castelo de Ferro do Reino da Escuridão?

A menina tentava encontrar a voz no ar.

— Preste atenção — continuou a voz invisível. — Sou o filho da rainha. Sou o príncipe-herdeiro. Espere ficar escuro. Vá até meu quarto. Procure dentro do armário. Pegue uma vassoura, uma faca e uma caixa de veludo. Depois, tome a primeira estrada que aparecer e saia pelo mundo até encontrar um castelo de ferro. Vai ser fácil reconhecer. Sua porta principal não pára de mexer. Fica batendo, abrindo, fechando, fechando, abrindo e batendo o tempo todo.

A menina quase não respirava de tanto prestar atenção.

A voz continuou:

— Vá em frente. Enfie a faca na porta. Ela vai parar na hora. Entre no castelo de ferro. Não tenha medo. Vai encontrar uma bruxa varrendo o chão com um pedaço de barbante. Dê a vassoura a ela e siga pelo corredor. Vai encontrar um leão faminto diante de um prato de capim e um cavalo prateado diante de um prato cheio de carne. Dê a carne ao leão e o capim ao cavalo. Continue. Suba uma escada. Vai encontrar um sapo. Pegue o bicho, guarde na caixa de veludo e saia do castelo. Mas cuidado! — advertiu a voz: — não olhe para trás de jeito nenhum. Se você olhar, tudo está perdido, não sei nem o que vai acontecer!

A filha do negociante esperou a noite chegar. Foi a ao quarto do príncipe, encontrou a vassoura, a faca e a caixa de veludo. Depois, foi embora.

Tomou a primeira estrada que apareceu. Não sabia para onde ir, por isso foi seguindo em frente.

Andou, andou, andou, três dias e três noites. Acabou chegando num castelo de ferro com uma porta abrindo e fechando. A menina teve medo mas seguiu os conselhos da voz. Enfiou a faca na porta. Deu a vassoura para a bruxa. Deu a carne para o leão e o capim para o cavalo prateado. Encontrou o sapo, guardou na caixa de veludo, deu meia-volta e fugiu.

Uma voz tenebrosa explodiu no fundo do castelo:

— Cavalo prateado, não deixe a menina passar!

Mas o cavalo relinchou:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu o capim!

E a voz tenebrosa:

— Leão, não deixe a menina passar!

Mas o leão rugiu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a carne!

E a voz tenebrosa, cada vez mais tenebrosa:

— Bruxa danada, não deixe a menina passar!

Mas a bruxa respondeu:

— Deixo sim! Foi ela quem me deu a vassoura!

A voz tenebrosa agora berrava e suplicava:

— Porta! Não deixe a menina passar!

Mas a porta disse:

— Deixo sim! Graças a ela não fico mais batendo, abrindo e fechando o dia inteiro!

Quando a menina conseguiu sair do castelo, escutou um estrondo e sem querer, sem pensar, sem lembrar, olhou para trás.

O castelo de ferro havia evaporado no ar.

Infelizmente, a caixa de veludo com o sapo dourado também sumiu de suas mãos.

Perdida e sozinha num lugar desconhecido, a menina sentiu que o único jeito era seguir em frente. Pegou a primeira estrada que apareceu e foi andando.

Acabou ficando muito cansada. Quando não aguentava mais, deitou-se debaixo de uma árvore e fechou os olhos. Ficou quieta esperando alguma coisa. Sentiu uma tontura. Achou que daquela vez a morte ia chegar. Desmaiou.

Enquanto isso, o sapo dourado, que era o príncipe, saiu da caixa de veludo, ficou 16 desencantado e viu que tinha ido parar na porta de seu palácio.

Foi uma alegria!

Ao vê-lo, a rainha sua mãe quase enlouqueceu de tanta felicidade. O príncipe também estava contente mas muito preocupado. Disse que só sossegava quando encontrasse a moça bonita que o tinha libertado.

Pediu um cavalo, despediu-se da rainha e saiu galopando com vários soldados. Precisava encontrar a moça de qualquer jeito.

Depois de muito procurar, acabou dando com a menina desmaiada debaixo de uma árvore.

Desesperado, o rapaz mandou chamar um médico. Enquanto isso, conseguiu dar água e um pouco de comida para a moça.

Logo a filha do comerciante recuperou suas forças.

Um vento morno soprou cheio de vida.

Os dois então se abraçaram.

O rapaz contou que estivera encantado por muito tempo. Contou que era ele o mendigo que tempos atrás havia estado na casa dela pedindo ajuda.

— Desde aquele tempo fiquei apaixonado — confessou ele beijando as mãos da moça. — Desde então, sigo você por toda a parte. Acho que foi isso o que me salvou!

A menina foi levada para o palácio. A rainha botou as mãos no peito:

— Mas é ela! A minha criada!

A mãe do príncipe ficou feliz da vida. O casamento foi marcado.

O negociante foi convidado. Apareceu sozinho. Abraçou a filha. Disse que todo aquele tempo tinha andado à procura dela. Contou que tinha abandonado aquela mulher má, que por causa de ciúme e inveja o havia afastado de sua filha querida.

Quanto às criadas mentirosas, quase foram despedidas, mas acabaram sendo perdoadas.

Uma linda festa foi realizada.

Os dois jovens viveram felizes por muitos e muitos anos.

*Diz que a festa foi bonita  
Teve doce de montão  
Como não fui convidado  
Fiquei com a cara no chão!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 28-39

## 4 - Coco Verde e Melancia

Era um fazendeiro muito rico. Dono de terras, usinas, gado e enormes plantações. O homem também teve uma filha que era uma coisa mais linda.

A menina estudava na escola da cidade. Lá conheceu e começou um anúncio de colega de classe.

Onde um ia o outro estava. Onde um estava o outro ia.

Acontece que o menino era pobre. O fazendeiro soube da amizade da filha. Soube que um não largava do outro. Soube que os dois passaram o tempo todo juntos. O homem não gostou nem um pouco. Falou com o professor. Mandou a menina mudar para o período da tarde.

Assim, achava ele, os dois, sem se ver nem se encontrar, acabariam esquecendo aquele amor.

Mas como a menina gostava muito do menino e o menino gostava muito da menina, os dois fizeram um plano.

Num pé de serra, nenhum caminho da escola, tem um arvoredo. Seria ali o lugar secreto dos dois. O combinado era que sempre que um deles, voltando ou indo para a escola, passasse por lá, deixaria uma carta escondida.

Para o caso de alguém descobrir as cartas, inventaram dois apelidos.

O menino passou a ser Coco Verde.

A menina passou a ser Melancia.

E assim, mesmo sem se ver, os dois, através de cartas, continuaram conversando, trocando ideias, comentando a vida, contando sentimentos, cada um gostando cada vez mais e mais do outro.

O tempo passou.

Os dois namorados cresceram. No lugar de cartas, começaram a se encontrar escondido debaixo do arvoredo para conversar e namorar.

Era tudo secreto. O pai de Melancia não podia saber de nada.

E cada vez que os dois se encontravam, que alegria! Passavam o tempo todo conversando e namorando e matando a saudade. Na despedida, juravam seu amor, juravam que um não ia viver nunca sem o outro.

- Amo você, Melancia!

- Amo você, Coco Verde!

- Mais que tudo, Melancia!

- Mais que tudo, Coco Verde!

Um dia, um amigo do fazendeiro, passando por acaso pela estrada, viu a moça e o moço abraçados debaixo do arvoredo.

Foi correndo avisar o fazendeiro.

O homem ficou uma fera.

Quando a menina voltou para casa, o pai, sem avisar nem explicar coisa nenhuma, disse a ela que arrumasse as malas. Explicou que ela ia fazer uma viagem. Mandou a filha morar na casa de uma tia que vivia longe, do outro lado da montanha.

- Pensa que me enganam? – dizia o fazendeiro, com o charuto na boca.

Em seguida, mandou matar um bode velho, pegou um vestido da filha e encheu de sangue. Colocando o bode num caixão, mandou espalhar a notícia de que sua filha, voltando da escola, tinha sido atacada por uma onça e, infelizmente, tinha morrido.

Quando soube da notícia, o rapaz deu até risada.

- É mentira!

Mesmo assim foi correndo até a fazenda.

- Cadê a menina?

Encontrou o fazendeiro com um lenço na mão, fazendo cara de choro fingido.

- Tá tudo acabado! – disse ele rindo por dentro. – Minha filha, minha joia perfumosa, minha flor encantada morreu!

Mostrou o vestido da menina rasgado e cheio de sangue.

- Foi onça! – explicou o fazendeiro chorando.

O coração do rapaz parou de bater. Uma tontura veio que quase o derruba no chão. Acompanhou o enterro em silêncio. Nem chorar ele chorava. Só olhava o caixão. Imaginava que ali dentro estava o corpo da moça, quando ali só tinha um bode velho morto.

Depois do enterro, o rapaz saiu andando. Sua vontade era morrer afogado na lagoa. Sua vontade era cair do alto do precipício. Resolveu passar no caminho onde, diziam, a moça tinha sido atacada.

- Quem sabe a onça não me mata também e assim eu vou pra onde ela foi?

E o moço ficou doente. Parou de falar. Parou de comer. Deitado na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio. Um dia, saltou da cama:

- Chega! Vou sair pelo mundo! – disse ele. – Vou tentar começar tudo de novo!

Despediu-se dos pais, pediu a bênção e foi embora. Não conseguiria mais viver naquele lugar. Cada prédio, cada caminho, cada arvoredo, cada paisagem trazia em sua cabeça a imagem perfumosa, doce e suave de sua querida Melancia.

Durante três anos inteiros, o moço viajou pelo mundo. Conheceu novas terras, teve vários empregos e acabou virando um negociante. Conseguiu ganhar muito dinheiro.

Um dia, sentiu saudade da família. Pensou na mãe. Pensou no pai. Achou que precisava voltar.

- Volto para matar a saudade da família mas fico só por uns dias. Não quero ficar lembrando da minha querida! – pensou ele com os olhos molhados.

Quando chegou, ficou espantado. Soube que a moça, a filha do fazendeiro, ia se casar.

- O quê? – gritou o moço. – Casar como se ela morreu?

- Morreu nada! – disseram as pessoas.

Só então, o moço ficou sabendo do truque do fazendeiro para afastar os dois.

Soube também que, depois de um ano na casa da tia, a moça voltou e seu pai mentiu de novo. Contou a ela que o moço tinha arranjado outra namorada, tinha casado e ido embora.

Quando soube disso, a moça também ficou doente. Também parou de falar. Também parou de comer. Deitada na cama, só pensava na morte, mas a morte não veio.

O fazendeiro não ligava. Só tinha uma ideia na cabeça. Queria que a filha se casasse com o filho do dono da fazenda vizinha.

- Já imaginou? – pensava ele, fazendo as contas. – Os dois casam, têm filhos e assim nossa família vai ficar muito mais rica e mandar em toda a região!

E tanto falou, tanto disse, tanto insistiu, que a moça aceitou.

A vida para ela não tinha mais graça. Coco Verde tinha ido embora com outra. O resto para ela não interessava.

E foi assim, indiferente, que a moça aceitou se casar com o filho do vizinho.

Radiante, o fazendeiro mandou preparar uma festa de arromba.

Foi nessa época que Coco Verde voltou.

Cheio de dor e de raiva, o moço sentiu que precisava falar com Melancia de qualquer jeito. Sabia que se aparecesse na fazenda podia até ser morto. Pensou e pensou muito. No fim, chamou um amigo seu, um violeiro. Os dois combinaram um plano.

No dia do casamento, no meio da festa, a casa do fazendeiro cheia de gente, parentes, amigos e convidados, apareceu um homem a cavalo. Disse que era tocador de viola. Queria cantar em homenagem aos noivos. Todo mundo gostou da ideia.

As pessoas puxaram cadeiras e foram sentando. O violeiro afinou a viola e começou:

*Dá licença, minha gente  
Vim aqui só pra cantar  
Por favor, preste atenção  
Peço para me escutar*

*Eu cheguei de muito longe  
Pra tocar nessa festança  
Trouxe o peito carregado  
De certeza e esperança*

*Atravessei o sertão  
Comi pedra e pó na estrada  
Subi morro, cortei mato  
Levou tempo e caminhada*

*Mas uma coisa eu garanto  
Isso de qualquer maneira  
Prometo que vou contar  
Uma história verdadeira*

*Não se trata de mentira  
Fantasia ou ficção  
Vou falar da vida mesmo  
Não tem nada de invenção*

*Era uma vez uma moça  
Que gostava de um rapaz  
Sem ele, ela não vivia  
Sem ele, não tinha paz*

*Também pro moço a tal moça  
Era a prenda mais querida  
Era pedra preciosa*

*Era a luz da sua vida  
Ia tudo muito bem  
Mas o destino é cruel  
Às vezes transforma em lama  
O que podia ser céu  
Acontece minha gente  
Que o pai da moça era rico  
Não gostava do rapaz  
Nem daquele namorico  
Queria que ela casasse  
Com filho de fazendeiro  
Gente rica, poderosa  
Bolso cheio de dinheiro  
E o pai da moça deu ordem  
Proibiu o tal namoro  
Pra ele uma coisa assim  
Era até um desaforo  
Então os dois começaram  
A namorar escondido  
Ninguém por ali sabia  
Daquele amor proibido  
E o tal amor que era grande  
Ficou maior, foi mais fundo  
Parecia minha gente  
O maior amor do mundo  
Pra ninguém desconfiar  
Os dois bolaram um segredo  
Criaram dois apelidos  
Debaixo do arvoredo  
Coco Verde e Melancia  
Assim os dois se chamavam  
Assim os dois se queriam  
Assim os dois se adoravam  
Vai um dia, o pai descobre  
O tal namoro escondido  
Ficou bravo, furioso  
Ficou tão aborrecido  
Que não quis saber de nada  
Sem pensar no que fazia  
Mandou a filha pra longe  
Pra morar com sua tia  
E de maldade, o safado  
Espalhou pela cidade  
Que a onça tinha atacado  
Que a filha tinha morrido*

*Ao saber do acontecido  
Coco Verde endoideceu  
Pensou em tomar veneno  
Por pouco quase morreu  
Depois partiu pelo mundo  
Foi procurar sua sorte  
Foi lutar pra ser feliz  
Não quis mais pensar na morte  
Assim que o moço foi embora  
A pai da moça depressa  
Chamou a moça de volta  
Disse: filha, escuta essa  
Inventou que aquele moço  
Tinha pegado outra estrada  
Tinha partido contente  
Ele e outra namorada  
A menina ficou triste  
Foi pra cama, adoeceu  
Não queria mais viver  
Por um triz que não morreu  
Depois como estava só  
Achou que era o momento  
De escutar a voz do pai  
E aceitar o casamento  
O noivo era seu vizinho  
O filho do fazendeiro  
O pai da moça queria  
O moço tinha dinheiro  
E, foi assim acertada  
Uma festa pro casório  
Teve missa, teve dança  
Teve muito foguetório  
Mas no meio da festança  
Apareceu um cantor  
Tinha ele uma mensagem  
De certeza e de esperança  
Falou de um tal Coco Verde  
Falou de uma Melancia  
Falou do amor que queimava  
Dia e noite, noite e dia  
Falou depois de um encontro  
Debaixo de um arvoredo  
Falou que era importante  
Falou que era segredo  
Explicou que Coco Verde  
Precisava ver de novo*

*Conversar com Melancia  
E foi assim oh meu povo*

*Ouvindo aquela mensagem  
Melancia sem ter medo  
Largou a festa no meio  
Foi até o arvoredo*

*Coco Verde e Melancia  
Cara a cara, frente a frente  
Foi uma coisa bonita  
Foi loucura minha gente*

*Os dois falaram da vida  
Discutiram mil assuntos  
Depois fizeram um acordo  
Decidiram ficar juntos*

*Vou concluir essa história  
Dizendo o que está na cara  
Quando o amor é verdadeiro  
Esse amor ninguém separa!*

Os convidados aplaudiram de pé. Acharam a história muito bonita. O fazendeiro ficou desconfiado. Seria coincidência? Sentiu que ali tinha coisa.

Ninguém notou mas, no meio da cantoria, a noiva desapareceu.

Montada num cavalo, vestida de noiva e tudo, a moça foi galopando até o arvoredo.

Ali, Coco Verde e Melancia se abraçaram, choraram e se beijaram.

Ali, Coco Verde e Melancia mataram a saudade.

Ali, Coco Verde e Melancia tomaram uma decisão.

Já estavam todos preocupados, quando a filha do fazendeiro apareceu e pediu a palavra. Disse que queria falar. Era importante. Tinha uma dúvida terrível. Precisava fazer uma pergunta. Era questão de vida e morte.

O pai fez cara feia.

O noivo estranhou:

- Questão de vida ou morte?

A filha do fazendeiro disse que sim. Contou uma longa história. Quando era pequena tinha ganhado de presente uma caixinha de veludo. Dentro dela, disse, tinha guardado bem guardadas as suas joias mais raras, seus segredos mais bonitos, seus sonhos mais preciosos.

Os convidados escutavam sem compreender o que estava acontecendo.

O noivo prestava atenção.

O fazendeiro coçava o queixo.

A moça continuou. Contou que certo dia, infelizmente, por azar, a chave da caixinha de veludo desapareceu. Disse que virou a casa de cabeça para baixo. Disse que não sabia o que fazer. No fim, continuou ela, desanimada, acabou mandando fazer

outra chave que fosse capaz de abrir a caixinha de veludo.

A moça sorriu. Contou que mal a chave nova ficou pronta, foi passear e, de surpresa, debaixo de um arvoredo, encontrou, assim, sem querer, caída no chão, a chave velha.

E a moça falou mais alto:

- Gente! Preste atenção! Minha dúvida é essa! Quero e preciso da opinião de todos. O que é que eu faço? Que chave eu uso agora? A nova que acabei de mandar fazer e nem usei ainda, ou a velha, a primeira, a antiga, a original?

Os convidados caíram na risada.

- Que bobagem! – exclamou o noivo. – Que dúvida mais sem pé nem cabeça! A solução do problema é muito simples: o melhor é ficar com a chave velha mesmo!

- É claro! – concordou o pai. – Também acho! O lógico, o mais certo, é ficar com a chave velha.

- Afinal ela veio junto com a caixa de veludo – acrescentou alguém.

Todo mundo concordava.

A moça deu três pulos de alegria.

Foi sorrindo e falando ao mesmo tempo.

Contou de Coco Verde. Contou de seu amor antigo. Contou das mentiras de seu pai. Chorou. Contou que passou por um período de grande sofrimento. Pediu desculpas ao filho do fazendeiro. Disse que foi enganada pelo próprio pai. Confessou que seu grande amor era mesmo Coco Verde.

Mandou chamar o moço que estava escondido ouvindo tudo.

O fazendeiro ficou furioso mas dessa vez não teve jeito.

Ali mesmo, o padre anulou o primeiro casamento e casou Coco Verde e Melancia.

*Quem foi à segunda festa  
Aproveitou muito mais  
A primeira foi bonita  
Mas a outra foi demais!*

**AZEVEDO, Ricardo. No meio da noite escura tem um pé de maravilha!. São Paulo: Ática, 2007. p. 40-53.**

## 5 - A mulher do viajante

Era um jovem e rico viajante. Levava a vida com seu navio, de porto em porto, comprando, vendendo e fazendo negócios.

Numa viagem, certa vez, aconteceu que o céu ficou escuro. Depois trovejou. Veio a tempestade. A água jorrava feito cachoeira. O vento rosnava. As ondas vinham querendo quebrar tudo.

Assustado, o viajante fez uma promessa. Jurou que, se escapasse do vendaval com vida, casava com a moça mais pobre do lugar em que conseguisse desembarcar.

O navio rachou ao meio e afundou. Agarrado num pedaço de madeira, o jovem viajante ficou três dias e três noites navegando sem rumo até que chegou num porto.

Em terra firme, o moço decidiu que, antes de mais nada, precisava cumprir sua promessa. Acreditava que, graças a ela, tinha conseguido sobreviver.

Saiu andando, procurando e perguntando. Queria saber quem era a moça mais pobre do lugar. Anda daqui, pergunta dali, acabou ouvindo falar de uma lavadeira. Morava num barraco afastado da cidade. A lavadeira era viúva e tinha uma filha.

O viajante foi até lá, bateu na porta, apresentou-se e conversou com a mãe da moça. Contou, com sinceridade, tudo que havia acontecido. Cheia de surpresa, a lavadeira chamou a filha.

Para sorte do viajante, era uma jovem muito bonita. Na verdade, era uma das moças mais luminosas, inteligentes e alegres que o moço já tinha visto.

Um mês depois os dois se casaram.

Quanto mais o tempo passava, mais o jovem viajante comemorava. Que sorte a sua! Que mulher boa ele tinha! Que pessoa delicada e feminina! Como era inteligente, criativa e bem humorada!

Mas o destino é um caminho que ninguém espera.

Meses depois, o jovem negociante precisou fazer uma viagem. Despediu-se da esposa e, com dor no coração, partiu com um amigo, negociante como ele.

Durante a viagem, os dois conversaram. O viajante falou de sua mulher. Descreveu sua beleza e graça. Contou que sentia muita saudade.

- Além de ser linda - completou o viajante apaixonado -, ela é honesta e incapaz de mentir.

O outro fez um muxoxo.

- Essa não! Você confia nela tanto assim?

E o amigo do viajante deu risada. Disse que ninguém merecia tanta confiança. Disse que todo mundo podia mentir.

- O que sua mulher deu a você de presente no dia do casamento? - perguntou o amigo ao viajante.

- Uma caixinha de veludo com um retrato, uma carta e um anel que ela tinha ganhado do pai.

E o outro lançou um desafio:

- Aposto que ela dá a caixinha de veludo para mim!

O jovem viajante ficou ofendido.

- Aposto que não!

Ficou combinado e apostado. Se a mulher desce para o amigo a caixa de veludo, o viajante entregaria a ele todos os seus navios. Caso contrário, o outro faria a mesma coisa.

Trato feito, o amigo arranjou outro barco, voltou e foi direto até a casa onde o viajante morava.

Chegou no fim da tarde. Encontrou a casa fechada, com todas as portas e janelas trancadas. No dia seguinte, foi a mesma coisa.

No terceiro dia, viu uma velha andando na rua. A mulher estava se dirigindo à casa de portas e janelas trancadas.

O amigo do viajante chamou a velha. Fez perguntas. Descobriu que a tal mulher trabalhava ali como criada. Fez uma proposta. Pediu a ela que fosse na ponta do pé e roubasse a caixinha de veludo que a dona da casa tinha dado ao marido no dia do casamento. Em troca, prometeu dar a ela muito dinheiro.

Ao ouvir falar em dinheiro, a velha criada ficou interessada. Pensou, calculou, repensou e, traiçoeira, acabou aceitando.

A mulher do viajante guardava a caixinha de veludo escondida no fundo do armário. Foi fácil encontrar.

No dia seguinte, na hora marcada, a velha entregou um embrulho e em troca ganhou um saco de dinheiro.

Com a caixinha de veludo na mão, o amigo, que de amigo não tinha nada, partiu à procura do jovem viajante. Encontrou-o no caminho de volta, ancorado no porto de um país vizinho.

Ao ver o presente de sua mulher nas mãos de seu amigo, o jovem viajante chorou.

Depois, reconheceu que estava errado, deu ao outro todos os seus navios e voltou para casa.

Chegou de cara fechada. Nem cumprimentar a mulher cumprimentou. Só mandou que ela arrumasse a mala. Disse que os dois precisavam fazer uma viagem. Partiram naquela mesma noite numa carruagem negra.

A mulher não entendia o que estava acontecendo. Tentou conversar. Pediu explicações. Tentou pegar a mão do marido. Disse que estava com saudade. O viajante dirigia a carruagem com olhos retos, sem dizer uma única palavra.

Foi uma viagem de desencontro, desatino e incompreensão.

Parando num lugar distante e deserto, o viajante mandou a mulher saltar com a mala. Em seguida, gritou, chicoteou os cavalos e desapareceu na poeira invisível da escuridão.

Sozinha no mundo, a linda jovem não sabia o que pensar. Achou que estava ficando louca. Imaginou que estava confundindo vida e pesadelo. Teria ela um dia se casado? Teria ela sido um dia tão feliz? Ou tudo era sonho e fantasia sem sentido?

A noite ficava cada vez mais fria.

Deitada no chão, a moça chorou tanto que acabou dormindo.

Acordou, mais tarde, ouvindo risadas e gritos. Enxergando uma luz de fogueira no meio da escuridão, resolveu ir se esgueirando para ver o que estava acontecendo.

Era uma reunião de bruxas.

Um bando de mulheres, vestidas de preto, ria, batucava e gargalhava, fumando enormes charutos.

A pobre moça quase não conseguia respirar de tanto medo. E se as bruxas a descobrissem ali? E se as bruxas achassem que ela estava espionando?

Uma das bruxas falava alto. Estava contando um caso:

- ...aí, eu fiquei invisível, entrei no palácio do rei e fiz a rainha ficar doente – disse ela com voz malvada. – Agora a rainha não fala, não como, não bebe, nem abre os olhos. A desgraçada está mais morta do que viva. Não dou três dias para ela esticar as canelas.

As outras comemoravam a notícia dando gargalhadas e tomando cachaça.

- Como você conseguiu? – perguntou admirada, uma bruxa mais moça.

- Fácil! – respondeu a outra. – Coloquei um feitiço dentro de um sapo morto e seco, depois escondi o bicho no travesseiro da rainha. Sabe quando vão descobrir a causa da doença dela?

- Nunca! – gritava a bruxarada batendo palmas encantada.

A mulher do viajante ficou pensando. Agora, seu único objetivo na vida era descobrir por que tinha sido abandonada pelo marido. Teve uma ideia. Ajudar a tal rainha, talvez fosse o caminho para conseguir se reencontrar na vida e aí partir para descobrir por que o marido tinha feito o que fez.

Encolhida no mato, a moça ficou esperando o dia raiar. Assim que as bruxas foram embora, pegou a estrada e foi procurar o palácio da rainha.

No caminho, encontrou uma pastora tomando conta do rebanho. Ofereceu seu lindo vestido de veludo em troca das roupas simples da moça. A pastora aceitou na hora. A mulher do viajante achou que assim, vestida como uma pessoa comum, vestida como gente do povo, chamaria menos atenção.

E assim chegou na cidade. Descobriu que, por lá, o grande assunto era a doença da rainha.

O povo andava preocupado. Diziam de tudo. Que a rainha tinha sido picada por uma mosca rara. Que a rainha sentia uma tristeza profunda e incompreensível. Que aquilo era doença de família.

Cada um dizia uma coisa.

Médicos e sábio já tinham sido chamados. Ninguém sabia o que fazer.

O rei, desesperado, oferecia sete sacos de moedas de ouro para quem conseguisse curar sua esposa.

A mulher do viajante ficou animada. Precisava de dinheiro para poder recomeçar a vida.

Foi logo ao castelo e mandou dizer que podia salvar a rainha. O rei mandou chama-la imediatamente.

Entrando no quarto real, a moça pediu para ficar a sós com a doente. Assim que as portas se fecharam, correu, pegou o travesseiro e queimou ali mesmo.

Um cheiro de veneno, maldade e enxofre tomou conta do ar.

Quando a moça abriu a janela para a fumaça sair, a rainha já estava sentada na cama.

A alegria foi geral. O rei dançava de contentamento. Deu sete sacos cheios de ouro para a moça e ainda fez um pedido: queria que ela agora morasse no palácio e fosse dama de companhia da rainha.

Sem ter para onde ir, a moça achou melhor aceitar.

Não demorou muito tempo, uma nova praga cresceu tomando conta do reino.

Era uma epidemia rara e desconhecida. As pessoas adoentadas primeiro começavam a trabalhar cada vez menos. Depois, sentiam muito cansaço, ficavam sem ânimo para fazer nada e acabavam indo para o hospital. Era tanta gente, mas tanta gente doente, que no hospital não cabia mais ninguém.

Preocupado, pois o assunto era de saúde pública, o rei teve uma ideia. Mandou chamar a mulher do viajante.

- Você conseguir curar a rainha – disse ele. – Agora quero que cure essa doença rara que está dando no povo.

Sem saber o que fazer, a moça resolveu visitar o hospital. Encontrou um ambiente bem animado, com muitos doentes conversando e dando risada. Alguns jogavam baralho. Outros tocavam viola. Descobriu que naquele reino quem ficava doente era sustentado pelo rei.

A mulher do viajante resolveu fazer uma experiência.

Chegou no meio do corredor e gritou bem alto para todo o mundo ouvir.

- A coisa está muito séria. Essa doença é muito grave. O jeito é fazer o seguinte. A gente mata metade dos doentes, tira seu sangue e dá para os que sobrarem. Assim, pelo menos, metade do povo tem chance de ficar curado!

- E o resto? – perguntou um doente.

- O resto a gente enterra no cemitério!

Cabeças assustadas levantaram-se na cama. Cemitério? O silêncio caiu no hospital como um banho de água fria. A moça continuou.

- Sei que vai ser um pouco sacrificado mas não faz mal. A causa é justa. Desse jeito, metade da população vai sobreviver!

A ideia da mulher do viajante funcionou como um remédio poderoso. A maioria dos doentes saltou da cama na hora. Todos diziam a mesma coisa: “Milagre! Estou me sentindo muito melhor!”. “Não sei o que aconteceu, mas de repente fiquei ótimo!”. “Puxa, estou novo em folha!”.

Assim, em pouco tempo, o hospital ficou vazio. Os poucos que ficaram, os doentes de verdade, puderam ser tratados direito e, no fim, entre mortos e feridos salvaram-se todos.

Quando soube do acontecido, o rei quis saber que doença era aquela.

- Preguicite aguda – respondeu a moça rindo.

O rei ficou encantado. Deu mais sete sacos de dinheiro para a moça e ainda perguntou se ela tinha algum desejo.

- Tenho sim – respondeu ela. – Mas fico até sem jeito de pedir.

- Diga o que é!

- Quero ser nomeada juiz no reino vizinho.

O rei achou que não tinha escutado direito:

- Juíza?

A moça balançou a cabeça:

- Quero ser juiz mesmo!

O rei não quis saber os motivos daquele estranho pedido. Apenas assinou umas cartas e desejou a ela muito boa sorte na vida.

Então, a moça bonita, a mulher do viajante, procurou um alfaiate, mandou fazer roupas de homem, cortou os lindos cabelos, arrumou as malas e foi ser juiz no reino vizinho. O mesmo reino onde antes ela havia morado com seu marido.

Durante mais de três anos, a moça. Vestida de homem, trabalhou como juiz, resolvendo casos, esclarecendo crimes e sempre fazendo justiça,

Com o tempo, ficou famosa pois era muito justa e de pulso firme. Inocentes eram sempre protegidos. Culpados eram severamente castigados.

Ninguém imaginava que aquele juiz fosse uma linda mulher.

Um dia, numa sessão, apareceu uma senhora idosa. Vinha muito triste e chorosa. Era sua própria mãe. A mulher do viajante, fantasiada de homem, ficou firme, conteve sua emoção e não revelou sua verdadeira identidade.

A pobre mulher parecia desesperada.

- Quero justiça – disse ela com ar revoltado. – Tinha uma filha maravilhosa e querida. Ela era tudo pra mim. Éramos pobres mas vivíamos muito felizes.

E a mulher contou a história do viajante. Falou no casamento. Na alegria do casal. Na viagem do marido, na volta, no comportamento estranho do genro e em tudo o que aconteceu.

- Nunca mais vi minha filha – disse a mulher. – Aquele desgraçado sumiu com ela!

O juiz que era mulher perguntou:

- É a senhora sabe onde anda o marido de sua filha?

A boa mulher disse que sim. Contou que ele morava na cidade. Disse ainda que ele agora vivia orgulhoso numa tristeza profunda, não tinha amigos e, afastado de tudo, não queria saber de conversa com ninguém.

O juiz encerrou a sessão:

- Por enquanto, a senhora pode ir em paz. Vou ver o que posso fazer no seu caso!

Em seguida, mandou convocar o próprio marido.

Ao ver o ex-marido, a mulher do viajante teve que esconder as lágrimas. O coitado apareceu magro, encolhido e trêmulo.

O juiz falou grosso. Contou que havia recebido uma queixa contra ele. Disse que era da mãe de sua mulher.

O viajante baixou a cabeça. Revelou sua história. Descreveu o naufrágio. Explicou seu medo de morrer e sua promessa. Falou de uma linda moça, filha de uma lavadeira. Contou do casamento e do grande amor que sentia.

Começou a chorar.

Confessou que, durante uma viagem fez uma aposta com um amigo e descobriu que sua mulher era uma traidora.

- Ela deu ao meu amigo a caixinha de veludo que era só minha, presente de casamento!

O juiz que era uma moça bonita não conseguiu se conter:

- Mas o senhor tem certeza disso? O senhor chamou sua mulher para conversar? Pediu explicações? Tentou esclarecer as coisas com ela?

O viajante escondeu a cabeça com as mãos.

- É verdade! – soluçou ele. – devia ter feito isso. Mas naquele momento, minha mágoa era muito grande. Sentia-me humilhado e traído. Só queria me ver livre dela. Confesso que sou culpado. Mereço ser preso. Abandonei minha mulher num lugar muito perigoso. Infelizmente, a essas alturas, ela deve ter sido atacada por algum animal selvagem.

O juiz respirou fundo e encerrou a sessão:

- Por enquanto, o senhor pode ir para casa, mas guarde uma nova convocação.

Mal o viajante saiu da sala, a moça fantasiada de juiz mandou convocar o amigo do viajante.

O sujeito apareceu no tribunal com o rosto assustado.

O juiz, com voz severa, disse que ele estava sendo chamado como testemunha de acusação. Em seguida falou no depoimento do viajante.

Interrogado, o sujeito acabou confessando a mentira. Contou que tinha conseguido a caixinha de veludo através de uma criada e não das mãos da esposa do viajante. Eu risada. Balançou os ombros. Disse que não tinha remorsos.

- Apostei que conseguia a caixinha e consegui!

O juiz deu um soco na mesa.

- Mas consegui através de uma mentira!

Mandou o homem sair imediatamente do tribunal e convocou a criada.

A mulher apareceu na sala toda bem vestida. Tinha mudado muito de vida. Agora era uma pessoa rica.

Ao ser perguntada, no começo negou, mas acabou confessando que, de fato, tinha dado a caixinha de veludo ao amigo do patrão.

- Ele me ofereceu muito dinheiro! – justificou-se ela. – Era uma caixinha de veludo comum. Aquilo não valia nada!

O juiz deu ordem para a mulher sair e ficou pensando.

No outro dia, mandou convocar todo mundo: a mãe da moça desaparecida, que na verdade era o próprio juiz, o marido da moça, o amigo do marido e a criada.

Diante de todos, abriu a sessão. Contou que uma velha mulher havia feito uma queixa sobre o desaparecimento de sua filha. Explicou que o marido acusado, ali presente, foi convocado e acabou confessando que realmente tinha abandonado a esposa num lugar deserto e perigoso. Segundo ele, disse o juiz, tinha feito uma aposta com um amigo e descobrira que sua mulher o havia traído.

- Minha filha não fez isso! – gritou a mãe da moça indignada.

O falso juiz continuou. Contou que convocou o amigo da aposta e este reconheceu que havia mentido. Tinha conseguido a caixinha de veludo com uma criada.

Ao ouvir isso, o viajante ficou de pé.

Batendo o martelo na mesa, o juiz prosseguiu.

Contou que havia convocado a criada. Em seu depoimento, a mulher confessou que, sem que a patroa soubesse, tinha tirado a caixinha de veludo do armário e dado para o amigo do viajante em troca de muito dinheiro.

- Desgraçado! – gritou o viajante para o amigo.

O juiz de saias bateu o martelo três vezes. Em seguida, com voz firme, deu o veredito:

- Condene a criada a devolver o dinheiro que ganhou e a ser expulsa deste reino para sempre! Condene o falso amigo a dar de volta ao viajante tudo o que recebeu!

Depois, chamou os guardas e mandou jogar o mentiroso no fundo da masmorra.

Foi quando o viajante começou a falar alto:

- Juiz, pode mandar me matar. Pode me mandar para a forca! Sou o culpado. Como pude fazer isso: acreditar nesse safado e não em minha mulher?

O homem soluçava.

- Larguei minha querida esposa no meio do mato. Mereço morrer!

- E eu perdi minha filha! – gemeu a mãe em prantos.

O juiz não titubeou:

- Ordeno que a mãe da moça desaparecida compareça à minha residência hoje à tarde. Convoco o viajante a também ir a minha casa mais à noite.

Disse que tinha feito investigações. Disse que tinha notícias importantes a dar.

Não é preciso dizer que aquilo foi um dia e tanto.

Ao descobrir que o juiz era sua própria filha, a velha senhora caiu de joelhos. Depois agarrou, abraçou e beijou a filha.

A moça contou à mãe suas aventuras e tudo o que aconteceu.

A noite chegou. A moça vestiu de novo as roupas de juiz.

O viajante chegou.

Na frente do marido, a moça arrancou as roupas de juiz. Gritou. Berrou. Acusou. Xingou. Chorou. Os dois choraram. O marido pediu perdão. A moça custou mas, no fim, perdoou.

Dizem que mais tarde houve uma das festas mais lindas do mundo, cheia de alegria, danças, bebidas e comidas deliciosas.

*Até eu fui convidado  
Passei lá a noite inteira  
Por isso, gente, eu garanto  
Essa história é verdadeira!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 54-67

## 6- Os onze cisnes da princesa

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.

Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.

Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira.

A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.

Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.

Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.

Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.

Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.

Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.

Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.

A pobre menina, inocente, aceitou.

A rainha bruxa chamou três sapos.

Disse ao primeiro:

- Quanto a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo!

A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstro não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou mas, com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pelo grossa. A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.

- Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite

chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

- Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada -, a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrastra esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha menina: costurar casquinhos de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.

O rei não quis acreditar mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar.

De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar.

A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito:

- Agora já posso falar!

O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrastra e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher.

E andou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

*Só quem foi esteve lá  
Quem não foi, deixou de ir  
Quem gostou achou legal  
Quem não gostou, se deu mal!*

**AZEVEDO, Ricardo. No meio da noite escura tem um pé de maravilha!. São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79**

## 7 - O filho do ferreiro e a moça invisível

Era um reino longe daqui. Ficava depois das montanhas, das florestas e dos mares distantes. O rei, a rainha e o povo do lugar vivam tristes por que a princesa, a filha do rei, a menina linda como as fiores do campo, havia desaparecido.

Um dia, um buraco negro apareceu no chão ninguém sabe como nem por quê.

O rei ficou zangado. Mandou fechar, mas aquele buraco ninguém fechava.

Não adiantou chamar pedreiros e engenheiros. Não adiantou chamar soldados e generais. Não adiantou chamar nem sábios nem feiticeiros.

As pessoas trabalhavam, lutavam, suavam, colocavam pedra, madeira, ferro e cimento mas no dia seguinte o buraco escuro estava lá aberto de novo.

Mas o pior não era isso. Aquele buraco era muito perigoso. As pessoas que tinham coragem de entrar nele nunca mais voltaram.

Um dia, o filho do ferreiro, um moço alegre e brincalhão, conversando com os amigos, disse de brincadeira, para contar vantagem, que não tinha medo de entrar no buraco.

A conversa, infelizmente, chegou aos ouvidos do rei.

O jovem foi convocado a ir imediatamente ao palácio real.

- Soube que você não tem medo de entrar no buraco escuro que ninguém fecha! – disse o rei.

O moço explicou que tinha falado assim por falar.

O monarca não quis saber de conversa.

- Se falou, vai ter de provar! Ou entra no buraco e conta o que tem lá dentro ou vai pra forca!

Sem saída, o filho do ferreiro prometeu que ia tentar.

Partiu, no dia seguinte, com uma sacola nas costas e um pedaço de pau grosso.

Entrou no buraco, respirou fundo e foi descendo.

Desceu, desceu, desceu e acabou encontrando uma estrada.

Foi, foi, foi e acabou encontrando um castelo.

O castelo era muito bonito. O filho do ferreiro bateu palmas. Gritou: - Ó de casa – ninguém apareceu. Como a porta estava aberta, o moço resolveu entrar.

Encontrou uma sala cheia de instrumentos musicais. O moço gostava muito de música. Ficou por ali por um bom tempo tocando e experimentando os vários instrumentos.

Foi para outra sala. Era uma biblioteca imensa. O moço nunca tinha visto tanto livro em sua vida. Como gostava de ler, pegou um deles, sentou-se numa poltrona e ficou por ali um bom tempo lendo.

Mais tarde, sentiu fome.

Saiu andando pelos corredores. Escutou passos. Tomou um susto. Viu dois sapatinhos amarelos passando por um corredor.

O moço sentiu medo mas foi atrás dos sapatinhos.

Encontrou uma sala de jantar com mesa posta, comidas e bebidas deliciosas.

O filho do ferreiro estava morto de fome. Sentou, comeu e bebeu até ficar saciado.

Quando a noite chegou, ouviu passos de novo. Viu os sapatinhos amarelos passando apressados. Foi atrás. Encontrou um quarto muito confortável com cama feita, roupas e água para o banho. O rapaz tomou banho, colocou a roupa limpa e foi dormir.

Assim que apagou a luz, escutou um ruído. Eram os passos, outra vez. Percebeu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois, alguém, uma pessoa, deitou-se ao seu lado na cama.

Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Como estava cansado, acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que passavam para lá e para cá eram azuis.

O filho do ferreiro tocou música, leu, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu mesmo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou uma mão pequena e quentinha. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer, o moço largou a mão depressa. Como estava cansado, virou para o outro lado e acabou pegando no sono.

No dia seguinte, tudo se repetiu.

A diferença é que agora os sapatinhos que ficavam para lá e para cá eram vermelhos.

O filho do ferreiro tocou música, leu, almoçou, comeu muito bem e tomou banho.

Quando foi dormir e apagou a luz, escutou passos. Sentiu que alguém no quarto tirava sete saias. Depois percebeu que uma pessoa se deitava na cama. Seria um monstro, um sonho ou um fantasma? O moço sentiu medo. Mesmo assim, resolveu esticar o braço. Encontrou uma mão pequena e quentinha. Tinha certeza. Aquilo era mão de moça! Com medo e sem saber o que fazer o moço resolveu puxar assunto.

Moço e moça conversaram um tempão. A noite inteira. A moça contou que era invisível. Que estava encantada, prisioneira naquele castelo. O moço também falou de sua vida. Lamentou sua mania de contar vantagem. Contou das ordens do rei e do buraco escuro. Os dois falaram sobre o que achavam e sobre o que não achavam. Falaram sobre o que gostavam e não gostavam. Falaram sobre as coisas da vida. Conversa vai, conversa vem, o filho do ferreiro e a moça invisível começaram a namorar.

Passou um tempo, o moço disse que precisava voltar. Estava preocupado. Tinha prometido dar uma notícia ao rei e, além disso, sentia saudade da família.

A moça invisível ficou triste. Disse que estava gostando do moço cada vez mais. No fim, aceitou mas fez um pedido:

- Leva essas três rosas e entrega ao rei. Mas não conte nada a ninguém. Prometa não falar do castelo nem nunca, de jeito nenhum, diga que me viu.

A moça encantada continuou:

- Fique sempre atento. Quando der meia-noite, um cavalo vai aparecer para buscar você. O cavalo vai relinchar chamando. Venha assim que escutar a voz do cavalo. Não deixe o bicho relinchar três vezes senão tudo estará perdido!

O moço não compreendeu bem mas aceitou e prometeu tudo.

Ele também estava gostando cada vez mais da moça invisível.

No dia seguinte, pegou um cavalo branco muito bonito e foi embora.

O rei ficou feliz da vida quando viu o filho do ferreiro entrando no palácio. Estava curioso. Quis saber, afinal, o que havia no fundo do buraco escuro. Fez questão de ouvir todos os detalhes. O moço cumpriu a promessa. Desconversou. O rei percebeu e não gostou:

- Ou prova que esteve no buraco escuro ou vai pra forca!

O moço deu as três rosas ao rei. Eram rosas lindas e impossíveis. Aquelas flores não existiam em lugar nenhum do mundo inteiro.

O rei ficou convencido de que o moço tinha entrado mesmo no buraco escuro.

Em seguida, o filho do ferreiro pediu licença. Disse que queria visitar seus pais.

Quantos abraços. Quanta saudade. Quantos beijos. A mãe do moço preparou um jantar especial e a família ficou conversando até tarde.

Quando deu meia-noite, um cavalo relinchou lá fora.

O moço avisou que estava na hora de partir.

A mãe não queria:

- Fique mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinchou pela segunda vez.

O moço disse que precisava partir.

A mãe não queria:

- Fique só mais um pouquinho!

O cavalo lá fora relinchou pela terceira vez.

Apressado, o moço pegou a sacola, abraçou e beijou os pais e saiu correndo.

Encontrou o cavalo branco enterrado no chão só com a cabeça de fora.

O filho do ferreiro pegou uma pá, desenterrou o animal, montou e saiu galopando.

Tarde demais! Quando chegou no castelo do fundo do buraco escuro, escutou uma voz tristonha. Era a voz da moça invisível:

- Ah, malvado! Ah, bandido! Ah, ingrato! Você se esqueceu de mim! Agora fico encantada mais sete anos!

E então tudo explodiu: castelo, sala de música, biblioteca, comidas deliciosas e vida gostosa.

O filho do ferreiro desmaiou de susto. Quando acordou, estava com sua sacola e seu pedaço de pau sozinho num lugar desconhecido.

Como não tinha outro jeito, resolveu sair andando.

Andou três dias e três noites.

No quarto dia, encontrou um velho sentado debaixo de uma árvore.

Ao vê-lo, o velho ficou assustado e saiu correndo.

O filho do ferreiro correu atrás dele.

Mas como o tal velho corria!

E subiu morro e desceu morro e atravessou campina e entrou na mata e saiu da mata e subiu ladeira e desceu ladeira, e foi e foi e foi!

O filho do ferreiro era jovem e forte mas quase não estava aguentando mais tanta correria. Por sorte, o velho também acabou ficando cansado.

Os dois pararam na beira de uma lagoa para matar a sede e descansar.

Começaram a conversar.

O moço, ainda bufando, contou sua vida. Disse que estava procurando uma moça invisível. Explicou que ela era encantada.

O velho, ainda bufando, deu risada.

- Moça invisível? Essa você não acha nunca mais!

O moço insistiu. Disse que queria porque queria porque queria! Chorou. Confessou que gostava muito da moça. Estava arrependido. Por causa de um descuido, conversando com a família, tinha atrapalhado a vida da moça.

O velho ficou com pena do rapaz. Contou que talvez pudesse ajudar.

- Vai ser difícil – avisou ele. – Acho até que é impossível!

Deu um arco e várias flechas para o moço. Mandou treinar pontaria. Disse que dali a um ano ele voltava.

O filho do ferreiro não sabia nem pegar no arco. Começou a treinar. Passou um ano inteiro treinando, treinando, treinando.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar o ovo!

O moço atirou mas a flecha passou longe.

O velho balançou a cabeça. Aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou.

Um ano depois, o velho apareceu. Pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço atirou, a flecha passou perto mas não acertou.

O velho balançou a cabeça. Disse que era melhor desistir. O filho do ferreiro gritou:

- Eu não!

Então, o velho aconselhou o moço a treinar mais. Disse que voltava dali a um ano.

O filho do ferreiro treinou, treinou e treinou. E quando estava cansado treinava mais e mais. Passou o ano inteiro assim.

Mais uma vez, o velho apareceu. Mais uma vez, pegou um ovo de passarinho e atirou para cima com um estilingue.

- Quero ver você acertar!

O moço prendeu a respiração e atirou. A flecha acertou o ovo bem no meio.

- Agora sim! – exclamou o velho, sorridente. E ensinou:

- Amanhã cedo, pegue seu arco e fique escondido atrás daquela moita perto da lagoa. Um bando de garças brancas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Um bando de garças cinzentas vai aparecer voando. Não faça nada. Deixe-as beber a água e ir embora. Mas atenção. Depois, um bando de garças negras vai aparecer.

O velho mandou o moço pegar o arco e ficar atento. Entre as garças negras haveria uma especial. Era a mais linda. Tinha jeito delicado. Usava um colar no pescoço. Preso no colar, tinha um coraçãozinho de ouro do tamanho de um grão de feijão.

- Espere as garças beberem água. Quando elas levantarem voo para continuar a viagem, atire a flecha no coraçãozinho de ouro do tamanho de um grão de feijão preso naquele colar! Boa sorte!

O rosto do velho ficou sério:

- Mas tome cuidado! Se você errar e acertar na garça, o bicho morre! – disse isso e desapareceu no ar.

O dia seguinte amanheceu com o rapaz escondido atrás da moita perto da lagoa.

Vieram as garças brancas. Vieram as garças cinzentas. Vieram as garças negras. Uma delas era muito mais linda. Tinha um jeito doce e feminino. Após matarem a sede, os pássaros levantaram voo. Então, o moço prendeu a respiração, fez pontaria e atirou a flecha.

A terra inteira estremeceu. As nuvens começaram a girar no céu. Um arco-íris nasceu do nada. O vento passou derrubando árvores. Um estrondo. O filho do ferreiro desmaiou.

Acordou com a cabeça deitada no colo de uma moça muito linda. Quando a moça falou, o filho do ferreiro reconheceu aquela voz. Era ela. A moça invisível.

A linda menina contou sua história. Era a filha do rei que um dia havia desaparecido.

O moço sentiu duas mãos pequenas e quentinhas segurando as suas:

- Graças a você, estou livre para sempre! – disse ela sorrindo e chorando.

O casal de namorados pegou o cavalo branco, saiu do buraco escuro e foi viver sua vida.

Ao ver a filha, o rei por pouco não morreu de alegria. Saiu dançando com a rainha pelo palácio. Mandou dar uma festa tão bonita que até hoje quem foi não esquece.

*Minha gente eu vou-me embora*

*É hora de terminar*

*Vamos ver quem tem agora*

*Outra história pra contar!*

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!**. São Paulo: Ática, 2007. p. 80-89

## 8 - Dona Boa-Sorte mais dona Riqueza

Era um homem muito pobre. Vivia trabalhando duro na terra, cortando árvores para fazer lenha, capinando mato, roçando e tentando plantar. Dinheiro que é bom, infelizmente, ele ganhava muito pouco.

Um dia, como sempre, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, despediu-se da mulher, pegou e enxada e foi para a roça.

Aquele dia, estava preparando a terra para depois plantar. O trabalho era duro. O homem cavucava. O homem suava. De repente, sentiu duas figuras perto dele. Eram duas mulheres muito bonitas e bem vestidas.

O camponês tomou um susto. Como aquelas duas surgidas do nada tinham ido parar naquele fim de mundo? O que é que duas mulheres ricas estavam fazendo ali àquela hora da manhã? Só se fosse assombração! Com medo, e meio sem saber o que fazer, o homem achou melhor tirar o chapéu e cumprimentar as recém-chegadas.

Uma delas aproximou-se.

- Bom dia, amigo – disse ela toda risonha. – Eu e minha irmã estávamos assistindo você trabalhar. Que trabalho duro, hein? Você é muito esforçado. Trabalhando aí desde cedo?

- Desde antes do galo cantar – respondeu o homem, desconfiado.

- Trabalhando desse jeito, o senhor deve ganhar um bom dinheiro!

- Dinheiro? – O homem até deu risada. – Quem sou eu dona? Trabalho muito, isso é verdade, mas dinheiro é a coisa que mais me falta!

A outra moça entrou na conversa. Parecia espantada:

- Mas então isso é uma injustiça!

O homem sacudiu os ombros.

- Se é justo ou injusto isso eu não sei. Sei que faço a minha parte. Acordo todo dia cedinho e trabalho, trabalho, trabalho. – O homem suspirou. – Quem sabe um dia eu consiga mudar de vida.

As duas irmãs gostaram do jeito do homem.

A primeira resolveu se apresentar:

- Meu nome é Riqueza e minha irmã chama-se Boa-Sorte. Quase sempre andamos juntas por esse mundo afora. Hoje, por acaso, passamos aqui por perto, vimos seu trabalho, assistimos sua luta e, pelo menos da minha parte, senti vontade de ajudar.

O homem olhava as duas lindas mulheres com medo de tentar compreender. Riqueza? Boa-Sorte?

A Riqueza continuou:

- Tenho uma boa notícia. O seu caso é muito simples. Eu mesma, sozinha, vou poder ajudar.

A outra moça estranhou:

- Como assim? E eu? Você vai querer ajudar o homem sem contar comigo?

- Ele não vai precisar de sorte – explicou a Riqueza sorrindo. – É questão de arranjar um pouco de dinheiro. Só isso vai fazer a vida dele mudar.

- Mas olha só! – exclamou a Boa-Sorte. – Quer dizer que você acha que dinheiro resolve tudo?

A Riqueza respondeu:

- Deixa comigo!

Os olhos do homem brilhavam cheios de perguntas.

- Essa eu quero ver! – disse a Boa-Sorte balançando os ombros.

A Riqueza chamou o homem e deu a ele uma moeda de prata.

- Isso é só o começo. Vá até a cidade. Compre carne e vinho para a sua família. Depois a gente conversa.

O homem agradeceu muito. Montou no burro e saiu trotando com a moeda de prata na mão. Não lembrava de ter tido tanto dinheiro assim antes. Tudo o que ganhava eram umas poucas moedas de cobre. Isso num mês inteiro de trabalho!

O homem trotava pensando na surpresa de chegar em casa cheio de carne, pão e vinho. Imaginava o sorriso da mulher. Imaginava os três filhos pequenos dançando de alegria.

Infelizmente, a loja aquele dia estava muito movimentada. O homem fez o pedido e pagou; mas na hora de entregar, o dono da venda se confundiu, ficou atrapalhado e acabou dando a mercadoria para outro freguês. O pobre homem reclamou. Disse que a carne, o pão e o vinho eram dele.

Todos ali sabiam que ele era pobre. Todos ali sabiam que ele não tinha nada quanto mais uma moeda de prata!

O camponês acabou sendo expulso da mercearia. Faltou pouco para o dono da loja não chamar a polícia.

Confuso, voltou para casa de mãos abanando. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem da conversa com as duas moças nem da moeda de prata.

No outro dia, o homem acordou ainda com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou e enxada e foi para a roça.

Estava capinando quando de repente duas lindas mulheres apareceram no ar.

Ao saber do que tinha acontecido, a Boa-Sorte escondeu um sorriso. A Riqueza, sua irmã, ficou indignada.

- Onde já se viu uma coisa dessas! – gritou ela.

Dessa vez, a moça não fez por menos. Chamou o homem, pediu desculpas e deu a ela dez moedas de ouro.

- Agora você acerta sua vida! – disse ela cheia de confiança.

O homem beijou as mãos da mulher. Montou no burro e saiu dali todo contente. Dez moedas de ouro era dinheiro demais. Com dez moedas de ouro dava até

para ele comprar uma casa nova e ainda ficar um bom tempo sem trabalhar.

Logo que chegou na cidade, cruzou com uma patrulha. A polícia estava investigando um assalto. Pediram para o homem abrir o saco. Ao descobrirem as dez moedas de ouro, não tiveram dúvida.

- É ele mesmo! – disse o delegado. – Tá na cara! Safado! Onde já se viu um homem pobre, que não tem onde cair morto, arranjar tanto dinheiro assim? Só roubando mesmo!

Não adiantaram explicações, juras, nem nada. Por sorte, quando o pelotão estava levando o infeliz para a prisão, começou uma briga feia na praça. Teve até gente dando tiro. A polícia teve de intervir. Aproveitando a confusão, o homem conseguiu fugir.

Ao ver o prisioneiro correndo, o delegado gritou:

- Eu te conheço, safado, vagabundo! Sei onde você mora! Pode deixar que eu te pego, desgramado!

Confuso, o camponês voltou para a casa com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, muito menos, das dez moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir de medo e preocupação.

No outro dia, o homem acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto, pegou a enxada e foi para a roça.

De novo, encontrou as duas irmãs. Surgiram voando no céu. A Riqueza já chegou fazendo cara feia e perguntando:

- Ué! O que está fazendo aí, homem de Deus! Cadê as dez moedas de ouro?

O homem reclamou. Disse que quase tinha sido preso.

A Boa-Sorte fingiu que estava olhando para o outro lado.

A Riqueza ficou inconformada.

- Mas isso é uma pouca vergonha! Que tremenda injustiça! Prender uma pessoa só porque é pobre!

Aí perdeu a paciência:

- Para mim chega!

Deu ao homem um saco cheio de moedas de ouro.

O sujeito ficou até mio tonto. Um saco de ouro! Um saco de moedas de ouro só para ele!

Até lágrima apareceu nos olhos do homem. Com um saco de ouro ele agora era um homem rico e independente.

Mas a Riqueza não ficou só nisso. Transformou o burro velho do homem num lindo cavalo branco, com arreio e tudo. E ainda deu a ele roupas novas.

- Isso é pra ninguém achar que você é pobre.

O homem nunca tinha tido um cavalo na vida. Nem roupas tão bonitas. Nem aquela riqueza toda.

Lá foi ele todo elegante e feliz, mas nem teve tempo de acreditar que estava vestindo aquelas roupas, que estava montado num lindo cavalo branco e que tinha um saco de ouro.

É que o belo e feroso animal, ao enxergar umas éguas passando do outro lado da cerca, suspirou fundo. Ficou perdidamente apaixonado. Depois, empinou,

relinchou e saiu em disparada feito um namorado sem cabeça nem juízo.

O resultado foi o pior possível.

Na hora de saltar uma porteira, o impetuoso animal tropeçou feio. Cavalo, cavaleiro e saco de moedas de ouro foram parar dentro do rio.

O homem só não se afogou porque conseguiu se agarrar num pedaço de madeira. O cavalo foi parar não sei onde. O saco de moedas de ouro desapareceu, levado pela correnteza.

Confuso, o camponês voltou para casa quase sem roupas e com as mãos vazias. Envergonhado, preferiu não contar nada à mulher, nem das duas moças nem, principalmente, do saco de moedas de ouro. Aquela noite, quase não conseguiu dormir tentando entender como suas mãos tão pobres tinham tocado em tanta riqueza.

No outro dia, acordou com o céu cheio de estrelas, tomou café preto e foi para a roça.

Sentiu um perfume feminino. Quando viu, a Riqueza e a Boa-Sorte estavam lindas, outra vez, do seu lado.

A Riqueza colocou as mãos na cintura:

- Gente! Cadê o saco de moedas de ouro?

O pobre homem chorou, soluçou e contou o acidente e tudo o que tinha acontecido. Ficou zangado. Disse que não era possível. Disse que não aguentava mais. Agradeceu muito mas explicou que assim não dava. Preferia continuar levando sua vidinha de sempre.

A Boa-Sorte ficou quieta, sem dizer uma palavra.

A Riqueza olhou nos olhos da irmã.

- Acho que você tem razão – disse ela. – Dinheiro é bom mas não é tudo. Para construir a vida a pessoa tem de trabalhar muito e ainda ter um pouquinho de sorte. – E pediu:

- Querida irmã, ajude o nosso amigo, por favor! Ele é trabalhador. Ele merece.

A Boa-Sorte abriu um sorriso luminoso. Chegou perto do homem e disse:

- Volte para casa e espere. No fim, tudo vai dar certo. Se ainda não deu certo – disse ela – é porque não chegou no fim.

Confuso, quase descrente, o homem se despediu, montou no burro e, sem nada nas mãos, foi trotando para casa. Logo encontrou o homem da mercearia.

- Meu amigo! – disse ele. – Procurei você por todo lado. Fiz uma trapalhada com os pedidos e entreguei a mercadoria para a pessoa errada. Eis aqui seu troco e a carne, o pão e o vinho. A culpa foi minha.

O dono da venda pediu mil desculpas.

O camponês continuou o caminho, levando o dinheiro e a comida.

Apareceu o delegado:

- Perdão, meu amigo! – disse ele com voz envergonhada. – Logo depois que você fugiu, recebi uma denúncia. Fomos investigar. Encontramos e prendemos o verdadeiro culpado pelo assalto ao banco.

Lamento o que aconteceu. Peço desculpas. As dez moedas eram mesmo suas e aqui estão elas.

O homem continuou seu caminho. Quando já estava perto de casa, na curva do rio, encontrou um saco sujo de lama preso entre as pedras. Era o saco de moedas de ouro.

Aquele dia, o camponês chegou em casa, chamou a mulher e os filhos e riu, riu, riu e riu.

*Bateu numa porta*

*Abriu a janela*

*Quem sabe outra história*

*Não fica banguela!*

**AZEVEDO, Ricardo. No meio da noite escura tem um pé de maravilha!. São Paulo: Ática, 2007. p. 90-97**